

0. NOV. 1993

AVULSO

1.20 ESC.

ANO II—N. 104

13

MAIO
1943



MARIA CLARA

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades



ROGÉRIO DE FREITAS

Um novo com que «Vida Mundial Ilustrada» e os seus leitores passarão a contar. Faz agora toda a montagem da nossa revista e do seu mérito não de ter dado conta quantos folhearam os últimos números, onde o seu talento se afirmou já plenamente. Abraçamos o nosso novo companheiro que é já um artista da melhor expressão no nosso meio.



DR. MATOS CID

Magnífico exemplo de mais de 30 anos de trabalho infatigável, ao serviço do foro português, a Ordem dos Advogados conferiu-lhe a rara distinção de «advogado honorário», agora que o ilustre causidico abandonou a sua actividade forense, como dizemos noutro local.



ANTÓNIO DOS REIS RIBEIRO

Um escritor que o Norte nos envia, pelo seu último livro de análise histórica «Napoleão, um homem» e que constitue um sinal de êxito para o seu autor e para a nossa literatura tão falha de estudos biográficos, como este.

AQUI entre Nós



DR. FONSECA HERME'S

A quem foram traz enviados poderes para representar o Brasil no nosso país, enquanto se aguarda a chegada do novo embaixador. É um brilhante diplomata de carreira e uma alta expressão da nova mentalidade brasileira.



CARLOS D'ORNELAS

Espírito deveras empreendedor e uma figura marcante no jornalismo. Recentemente por sua iniciativa o grupo Sector I obteve com carácter permanente a feira de Sevilha, uma «Casita» para os portugueses. Por ela passaram este ano, durante os 5 dias da Feira mais de mil portugueses — o que atesta o interesse da curiosa iniciativa.



JORGE BESSONE BELFORD

Acaba de publicar um romance de costumes — «Destinos» — editado pela Livraria Clássica Editora e que marcou para o seu autor um lugar à parte no nosso actual panorama literário.

UMA VIDA DE LIÇÃO

Como manifestação rara de carinhoso respeito deve aotar-se a que foi prestada pela Ordem dos Advogados ao sr. dr. José do Vale de Matos Cid, quando este prudente e considerado jurista annunciou o seu propósito de retirar-se — pelo jus da idade — da sua actividade profissional. Foi-lhe conferido o título de «advogado honorário» — e, se os títulos de tal categoria alguma coisa contêm, este vale pela singular particularidade do ser justamente tributado a uma pessoa que annuncia o seu propósito de renunciar e como que vem dizer:

A partir de hoje, de nada valho. Não há intentos de reciprocidade nem de interessado intento. Há apenas tributo de acatamento e respeito. Quando alguém chega a um ponto da sua caminhada pela vida em que tem o gosto de ver os homens do seu tempo assim se curvarem tão espontaneamente em preito de admiração, pode sentir-se tranquilamente à sua varanda a ver desfilar o mundo e pensar convictamente que bem cumpriu o seu dever de homem e de cidadão.

PÃO A MENOS

Tem havido menos pão em Lisboa. A verdade é que a Capital não pode supôr-se isenta de dificuldades que toda a população do país tem experimentado. Mas que admira? «Mesmo os povos que não lutam estão na guerra» — disse recentemente o Chefe do Governo. Mas haver menos pão nem sequer significa que não temos pão nenhum: e há povos que o não têm. Quando sentirmos os nossos faltas — lembremo-nos dos outros povos que os têm maiores que nós, e lembremo-nos também que seria imoral vivermos nós na abundância e na leviandade, numa época em que, por esse mundo fora, povos e povos sofrem as mais duras inclemências e privações. Só poderemos falar quando houver pão para todos.

UM SEGREDO À VISTA

No domingo último, segundo reza as crónicas de especialidade, foram vinte mil pessoas juntar-se no Campo Grande para ver um jogo de futebol. Há os indiferentes e os que não escondem a sua incompreensão ou mesmo o seu descontentamento pela significação do fenómeno. O certo é que uma coisa que atrai tanta gente e suscita tão calorosos comentários, como os que costumam desencadear algumas competições desportivas, há-de ter em si um segredo de emoção e de arrebatamento que podem escapar a algumas inteligências individualizadas mas não escapam ao sexto sentido das grandes massas.

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

A «Mocidade Portuguesa» vai fazer uma noite de velada nos castelos de Portugal. A ideia tem certa singularidade graciosa e um compreensível conteúdo de significação patriótica. Os rapazes de hoje têm de ser educados para o futuro com as lições do presente, na embalagem prolongada e remota das experiências, das lutas, dos sacrificios, das ansiedades, das glórias e até das desilusões. O que «há de ser», com efeito, tem de ser um prolongamento do que «é» sem se esquecer do que «foi».

Vida Mundial Ilustrada

PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

EDITOR E PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA GARRETT, 80-2. — LISBOA

TELEFONE: 25844

O BRASIL EM GUERRA



O Brasil está em guerra. Mas contra a idéia que formámos de que os brasileiros contribuiriam apenas com os produtos da terra para esforço da guerra—aquí estão estas magnificas fotografias que nos mostram como os brasileiros se treinam com as suas vidas a cruzar que defendem. Aviadores civis que colaborarão com as forças da marinha submetem-se a intenso treino em terra norte-americana, para onde foram, numa excelente prova de cooperação e boa vontade.



FOI ASSIM NO DIA DA ESTREIA DE "FREI LUIZ DE SOUSA"

Por MANUELA DE AZEVEDO, Cronista da "Abeille" 7 de Junho de 1843

FORA um serão encantador. D. Maria Kruz recebera, como sempre, com esmero: distribuindo sorrisos, ditos mordazes e de espírito, apertos de mão significativos para uns, olhos ternos ao sr. Almeida Garrett, que chegara impecável nos seus calções de xadrez e repoihudas cambraias sobre o peito. Com ardor, com sentimento, com ênfase — como pôde — leu pela segunda vez «Frei Luiz de Sousa» que elle escrevera em 15 dias, na sua casa da rua do Alecrim, enquanto descansava de triste canelada... Ele pudera, assim, escrever de um jacto as páginas do drama que estava agora a ler, todo entregue aos cuidados da filha, as cartas amorosas de D. Maria Kruz, avó da viscondessa de Ficalho — sem a suspensão do trabalho, para ir aos bailes das Laranjeiras. Levava logo o manuscrito, para leitura, ao Conservatório, de que a política o afastara — elle que tanta vez escrevera ali o seu nome, sob o «visto, o parecer do censor, representa-se»...

* * *

Logo ali, naquelle serão, em casa da sr.^a D. Maria Kruz, depois da leitura da peça, se fez o primeiro arranjo da representação. A futura baronesa da Luz distribuira os papéis: a sr.^a D. Maria Emilia Kruz seria a «Madalena de Vilhena»; D. Maria da Conceição Sá, irmã do sr. Duarte de Sá — o dos calembours — muito graciosa e inexperiente, seria a «Maria de Noronha»; sem dificuldades de maior, o sr. Joaquim José de Azevedo faria de «Manuel de Sousa», ao passo que «Frei Jorge» seria o sr. António Pereira da Cunha; o sr. Duarte de Sá, dono da casa, teria a seu cargo o desempenho de «Romeiros»; o sr. António Maria Lôbo faria de «Priors»; o pagem «Miranda» seria o sr. Duarte de Sá Júnior e, finalmente, «Telo Pais» — elle próprio, o sr. Almeida Garrett, com a sua longa experiência de actor e autor, quando Coimbra, pela boca dos estudantes, queria falar de liberdade, representando tragédias gregas e mestiças óperas italianas...

Sabe-se que nos serões seguintes todo o mundo trabalhou nas elegantes salas e salões do palácio da rua Formosa: Rambois e Cinatti mostravam esboços de cenários, as senhoras da casa desenhavam e agurelavam os figurinos que a Levaillant — a Aline da época de Fialho ter representante mais tarde? — havia depois de executar. Entretanto, os actores, que não eram improvisados, estudavam papéis e ensaiavam dentro de princípios estabelecidos por Epifanio...

Em tais noites de luar prateado, os salões da rua Formosa povoam-se de meio mundo galante: os cetins das casacas mistura-se com o veludo das salas rodadas — mas são sempre o sorriso de Madame Kruz e a pontinha dos seus dedos que conduzem os homens à política de evidência e os intellectuais à câmara real...

Não quero ser indiscreta nem fazer intriga de escândalo. Mas sempre direi que em tais noites de trabalho, em que havia gestos ternos disfarçados na penumbra dos salões — o nó gordio da representação no teatro da Quinta do Pinheiro, deve ter sido o sr. Almeida Garrett. É o autor e dita, ao actor, em cada ensaio, frases novas do papel que não estuda — o que provoca engastamentos às figuras com quem contraccena. Depois, consta que Epifanio não conseguiu tirar-lhe o ar enfático com que declama, à maneira da época — precisamente aquillo que elle mais critica em Emilia das Neves...

* * *

Dia 4. Julho de 1843. No teatro da Quinta do Pinheiro. São nove horas da noite, marcadas pelo sol e pelo relógio. Os convidados começaram a chegar. A sr.^a D. Maria Kruz está elegantíssima e sente-se verdadeira rainha neste mundo de fidalgos de sangue real. O que há de melhor, com assento na Câmara dos Deputados e canto de devoção nas camarilhas reais — está chegando: criados de libré e agaloados abrem as portinholas das carruagens; os donos da casa curvam-se em mesuras; os pares circulam nos salões e o cheiro das velas a arder mistura-se com o perfume das rosas-chá e do sândalo...

Já lá estão Mendes Leal, Rodrigo Felner, Paganini e D. João de Menezes que segreda ao loiro sr. Henrique James, de origem inglesa, vendo passar o sr. Rebêlo da Silva:

— Se não fosse D. Maria Kruz que o proclamou historiador, Herculano seria hoje o nosso cronista oficial...

O sr. Rebêlo da Silva, porém, não ouviu e, num grupo em que figurava D. Maria Kruz, confidencia:

— O D. João de Menezes, que tinha já uma «toilette» para cada hora do dia, inventou mais uma...

Uma senhora idosa não entende, e elle explica então:

— Elle quer roubar ao «divino» a fiamula de árbitro das elegâncias... Inventou uma «toilette» para visitas, outra para beijar as mãos das senhoras, outra...

— Para lhes beijar o rosto, à oculta dos maridos... — interrompe D. Maria Kruz, maliciosa.

— O que depende segundo elas são loiras ou morenas...

Desando e ponho-me à escuta:

A sr.^a condessa de Farrobo, que veste de tulle façonné bleu e está maravilhosa entre mil diamantes, olha, de facto, com curiosidade a espantosa «toilette»: casaca azul com botões de ouro maciço, colete côr de pérola, calça de linho — céus! — de quadrados miúdos em branco e azul ferrete. Ela passeia o olhar e comenta para a sr.^a Viscondessa da Regaleira, que veste de cetim lilaz «foncé», com rendas Pompadour:

— Soto-Mayor é muito feio, hexigoso, tem uns bigodes horríveis, mas os olhos atraem...

— Cuidado, condessa, olhe que o Soto-Mayor tem fama de irresistível e é um dos «eleões» do meio!

* * *

Calor. Tomam-se bebidas que os criados, circulando, oferecem. Depois, pouco a pouco, todos tomam os seus lugares. Os seus — é como quem diz: os lugares são duzentos e quando o espectáculo começa já cá estão novecentas pessoas — fora o resto que há-de vir! Devia haver uma inspecção de espectáculos que olhasse também por estes excessos...

A sr.^a marquesa de Viana, vestida de veludo côr de cereja, esborracha-se contra Madame Palmeiro, que tem já o vestido de cetim «broché» côr de milho numa lástima; a sr.^a condessa da Ribeira, que traz os mais lindos diamantes do serão, poisa os olhos em volta, a contemplar a decoração: o teatrinho parece uma capela, por mais que os arbustos, talhados em pirâmide a disfarçarem, por mais que as colgaduras da China e da Índia disfarçarem os baldaquinos primitivos. Mas as serpentinhas e os lustros carregados de velas, fazendo ressaltar o brilho das «toilettes» das senhoras — dão-lhe afinal aspecto de rutilo boudoir...

O sr. Garrett está lá dentro a caracterizar-se de Telo Pais. Gostaria de vigiar os olhares de D. Maria Kruz, de semear ditos de espírito e beijar os dedos finos das senhoras. Mas dois proveltos...

* * *

Ouvem-se as três pancadas que o sr. Molière inventou. Faz-se silêncio. Paira emoção, curiosidade. Não há dúvida: o público é exigente. Visitou Paris, assistiu às soirées de Bouffé e Régner. Sabe que há teatro requintado na Europa e que os profissionais da rua do Condes e do Teatro Nacional, geralmente colhidos nos *bas-fonds* da rua de S. Paulo, como a Emilia das Neves — usam ainda attitudes grosseiras, dicção imperfeita e empolada. O verdadeiro teatro português vive ainda e apenas nos salões, onde as senhoras aproveitam a oportunidade de fazer de Ingénuas, para se deixar abraçar elegantemente pelos galãs.

Segue-se, entretanto, com desusado interesse, o drama do sr. Garrett, porque se trata de um original português que começa a erguer-se como barreira às tradições do teatro espanhol e italiano. Vão acabar de uma vez para sempre as traduções, o teatro português emancipa-se — como diz o sr. Almeida Garrett.

O público escuta. Nota que realmente a sua atenção é desusada. Até passou despercebido aquelle gósto do amoroso sr. João Baptista que ia arrancando as rendas do vestido de uma senhora, cujo nome quero deixar occulto... Há entre a assistência mulheres lindas, espiritos cintilantes. Algumas já mereceram ao autor do «Arco de Sant'Ana» alguns versos que me lembra ter visto nas «Fólias caídas»:

Pois essa luz cintilante
Que brilha no teu semblante
Donde lhe vem o esplendor?

«Madalena», mortificada, está em cena a dizer à filha que lhe apontou o retrato do cavaleiro de Malta que queria para seu irmão:

— Oh! filha, filha, porque não foi vontade de Deus; tinha de ser de outro modo!

O público sente que está diante de uma artista que se revela agora como nunca: D. Maria Emilia Kruz. E interrompe o espectáculo com palmas, cada vez que se succedem as cenas. No fim do -1.^o acto, os aplausos chovem... E quando o pano desce sobre o 2.^o acto, com a frase do «Romeiro» que aponta o retrato de D. João de Portugal com um gesto simples e a frase breve: ninguém — está feito o juízo da peça e dos actores. A grande prova do sr. Almeida Garrett vai ser agora dada. Logo a abrir o pano, «Maria» comunica a «Telmo Pais» os seus preságios. Elle protesta:

— Não digais isso. Deus há-de fazê-lo por melhor que lho merecem ambos...

A assistência encolhe-se nas cadeiras: o actor é o pior actor, não sabe o papel e desengana-se como pode... Os amigos, estou mesmo a ver, vão dizer que lhe deram o papel à última hora e que não teve tempo para saber melhor...

Vai terminar a representação: o drama pesa na consciência e no coração de todos. Há lágrimas, arfar de peitos agitados... Cada um dos que ouve e vê, vive também a estranha fatalidade dos bons e crentes que se movem no palco. «Maria», agarrada aos pais, anuncia que vai morrer é que não mereceu tamanho castigo:

— Meu pai, meu pai, minha mãe, levantat-vos, vinde... Pobre mãe, tu não tens ânimo!... Nunca mentiste? Pois mente agora, para salvar a honra da tua filha, para que não lhe tirem o nome de seu pai...

E «D. Madalena» supplica:
— Misericórdia, meu Deus!...

«Maria» morre aos pés dos pais. «Manuel» pede o escapulário... o pano cal lentamente e o órgão inicia a sua melopeia fúnebre e pesada...

* * *

A peça que Lisboa só veria no teatro do Salitre em 1847 representou-se primeiro no Porto e Braga, em 1845. O Conservatório Nacional contribuiu com três artistas para a representação: Maria José dos Santos, Maria da Glória e José da Silva Reis, que foram alunos da escola fundada por Garrett. E antes de ser representado em Lisboa, «Frei Luiz de Sousa», que tem já trinta edições — foi apresentada, em 1847, por João Caetano, no Rio de Janeiro. Está traduzida em alemão, francês, espanhol e italiano — em Valência até o representaram em verso... — e Rossi, que o representou em Lisboa, incluiu-o depois no seu repertório apresentado pela Europa.

O centenário da leitura da peça no Conservatório foi comemorado pela Secção de Teatro daquela mesma casa de ensino. São dessa festa, singela mas eloquente, as fotos que publicamos — e representam as cenas de «Frei Luiz de Sousa» que ilustraram a lição do Dr. Jorge de Faria, director daquela secção.



Foi este o grupo de alunos do Conservatório que interpretou algumas cenas de Frei Luiz de Sousa



Luz viu assim uma cena do «Frei Luiz de Sousa»



Ao abrir a sessão, o sr. dr. Ivo Cruz, director do Conservatório, falou de Garrett e da sua obra



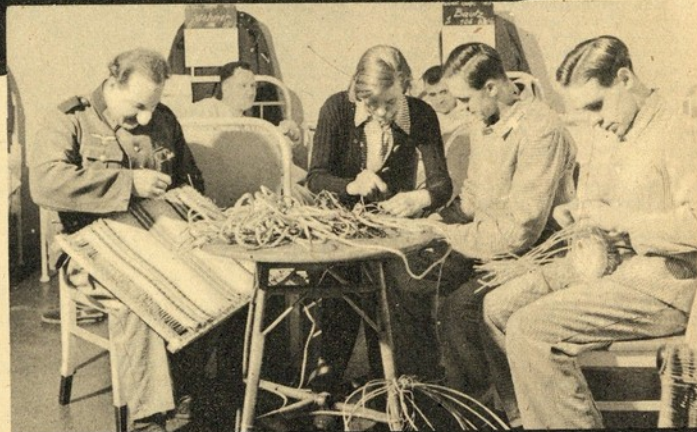
— De quem é aquelle retrato, Telmo Pais?

NOS HOSPITAIS MILITARES ALEMÃES

Quando os doentes TRABALHAM



Para as horas de tédio o trabalho manual é um entretenimento.



Este aviador nunca tinha pensado fazer tapetes... mas aprendeu...



Para distrair os camaradas este convaléscente faz desenhos humorísticos.



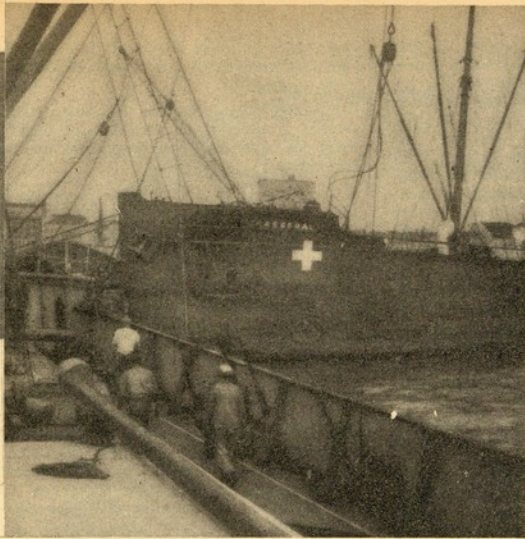
Na oficina de carpintaria os doentes distraem-se com trabalhos de paciência.



Ajudado por uma rapariga que o veio visitar este ferido alemão aprende a fazer cêstos.



Aqui, um bom fotógrafo ensina como se trabalha com um aparelho simples. E assim passam os dias os doentes nos Hospitais alemães.



LISBOA

PORTO de MAR

da

SUIÇA

Estranho, mas é verdadeiro: a Suíça, êsse pequeno país encravado no centro da Europa, entre altas montanhas onde as neves quasi são eternas, possui uma marinha de comércio que sulca todos os mares.

A sua situação no centro do continente tornou este país o nó de tôdas as comunicações europeias, com passagem de mercadorias do leste para ocidente e do norte para o sul. A constituição do solo pátrio, impróprio para a cultura em grande escala, obrigava a Suíça a importar grande parte dos produtos que consumia e de alguns que, depois de transformados pela indústria, eram enviados para todos os pontos do país.

Como via principal de abastecimento nacional, existia o grande rio da Europa — o Reno — que, graças aos milagres da engenharia, conseguiu ligar um pórtio de mar a uma cidade do interior. Desde que o Reno passou a ser navegável, a Suíça ficou ligada directamente ao tráfego marítimo e aos portos de mar.

O ponto extremo de navegação do Reno é o pórtio de Basileia. Para facilitar a navegação, fizeram-se importantes obras entre Estrasburgo e Istein, o que fez aumentar a importância daquele pórtio.

No decorrer do último decénio, o tráfego na Basileia multiplicou-se de tal modo que, já em 1938, ascendi a cerca de 2,7 milhões de toneladas, das quais 2,5 milhões de tráfego no curso posterior e 0,2 em aval.

Uma estação moderna assegura o transporte rápido das mercadorias até ao seu destino, e o pórtio de Petit-Huningue, situado na margem direita do Reno, está ligado à rede dos caminhos de ferro suíços e alemães. Por este rio subiam as pesadas barcaças que transportavam de Anvers e Roterdão para Basileia as mercadorias trazidas dos portos da América e norte da Europa pelos navios de alto mar.

Como auxiliares deste grande pórtio da Bélgica existiam os de Hamburgo e Havre, que também

serviam de pontos de expedição em caminho de ferro das mercadorias vindas das Américas.

Do leste, a Suíça recebia o trigo da Ucrânia Soviética, que em longas tiradas de caminho de ferro atravessava quasi meia Europa e, do levante, da Turquia, da Grécia e do Egipto, chegavam, além dos produtos destes países, mercadorias da Índia que vindas pelo Suez, seguiam a via marítima do Mediterrâneo até Marselha ou Génova, onde também iam ter os produtos do Norte de África Francesa.

Assim se fazia, antes da guerra, o abastecimento da Suíça, que teve de sofrer profundas alterações e procurar nova montagem de comunicações com o actual conflito.

Em seguida à declaração de guerra franco-alemã, as barcaças suíças deixaram de subir o Reno que, desde esse momento, passou a ser atravessado pelos obuses que de um e de outro lado iam causar a morte e a devastação. Com a entrada destes países na guerra actual, ficou esta via de comunicação cortada, o mesmo sucedendo às outras que, a pouco e pouco, à medida que novos países eram envolvidos no conflito, iam desaparecendo para só ficarem os caminhos de Lisboa e de Génova.

Para Lisboa, a melhor esperança da nação Suíça, se voltaram as atenções das empresas transitárias deste país, que à nossa capital enviaram os seus agentes com o fim de facilitar o desembarque das mercadorias e a sua reexpedição para a Suíça.

Com o fim de tornar menos arriscado o tráfego, este país criou uma marinha de comércio que sob o pavilhão helvético conduziu as mercadorias dos outros continentes aos portos da Europa, ainda abertos ao comércio. Assim, começaram a entrar no pórtio de Lisboa os navios já tão nossos conhecidos: o «Abdula», o «Saentis», o «Chasse-rai», o «Malaya», o «Generoso», o «Eiger» e barcos portugueses e espanhóis que, sob a bandeira suíça, auxiliam o tráfego deste país.

De novo o pórtio de Lisboa acordava para o

tráfego marítimo e desvanecia-se o receio que se tivera no começo da guerra, em virtude dos navios beligerantes evitarem atracar, para não dar a perceber ao inimigo a sua posição.

A marinha suíça trazia dos portos da América do Norte e do Sul quantidades enormes de mercadorias que se iam amontoando nos entrepostos e armazéns da beira Tejo. De além Atlântico, vinham mercadorias de toda a ordem, desde o arroz, o trigo, os óleos, a carne preparada, produtos farmacêuticos e outros.

Uma vez chegada a Lisboa, a carga dos barcos da Confederação Helvética era distribuída pelas diversas empresas suíças e portuguesas a que vinha consignada. Após algum tempo de quarentena nas margens do pórtio de Lisboa, a mercadoria seguia para a Suíça, em caminho de ferro, através da Espanha e França, via Canfranc ou Cerbere, ou, ainda, por barco, direita a Génova, que continua a ser, em boa verdade, o verdadeiro pórtio de mar suíço.

De facto, apesar de grande parte dos barcos da Confederação tocarem em Lisboa, muitos utilizam ainda o pórtio italiano de Génova, que continua a ser a sua única saída para o mar.

Com o fim de facilitar e fiscalizar o movimento das entradas e saídas dos barcos suíços, o governo deste país nomeou o senhor Paul Baerlocher «Commissaire du Port», um cargo que já desempenha há alguns anos entre nós.

É assim, pois, que a Suíça consegue manter o abastecimento do seu país, dando ao mesmo tempo um grande movimento ao pórtio de Lisboa que, sem este tráfego, se veria a braços com uma quasi paralisação, motivada pela guerra. Foi ela que afastou da nossa capital uma grande parte das antigas carreiras marítimas e os encargos e prejuizos que o facto acarreta à nossa economia — dizem-no, na sua eloquência simples, os números estatísticos.

CARLOS PEREIRA CALIXTO



Volumes empilhados esperam no cais o seu embarque.



As fragatas conduzem até aos cais os cascos de vinho.



Sacas de milho que vieram da Argentina são levadas para bordo.

A EXPANSÃO do LIVRO português

SEGUNDO

O Dr. MARIO GONÇALVES VIANA



O livro português terá condições de vida desafogada? Terá possibilidades de expansão até hoje desaproveitadas? Eis um problema importante, que está na ordem do dia, porque nenhum país pode viver sem cultura própria — e sem livro não há cultura. A aceitação da reforma ortográfica portuguesa, por parte do Brasil, veio de novo pôr em foco este assunto de interesse indiscutível. E logo nos pareceu curioso ouvir a opinião do polígrafo Dr. Mário Gonçalves Viana, que é uma das figuras mais interessantes do Portugal literário de nossos dias.

Pedagogo, psicólogo, antologista, historiador-biógrafo, ensaísta, crítico, o Dr. Mário Gonçalves Viana tem, já hoje, uma obra complexa e variada, que o coloca entre as personalidades marcantes do nosso meio intelectual, onde não abundam trabalhadores metódicos e pertinazes como ele. Além disso, o probo e incansável escritor tem estudado, no livro e no jornal, a questão referente à cultura portuguesa, nos seus diversos aspectos psicológicos, didáticos e sociais.

Fomos encontrar o Dr. Mário Gonçalves Viana no seu gabinete de trabalho, onde tudo respira actividade e disciplina mental. Sobre a secretária, acumulam-se os livros e as fichas. Aquela mesa define o homem moderno, de inteligência complexa e actividades múltiplas, que se desdobram desde o artigo de jornal até ao estudo dos clássicos, como Vieira e Bernardes, e ao aprofundamento das questões de pedopsicologia, de filosofia e de sociologia.

Interrompendo-o, perguntamos-lhe então:

— Terá o livro português condições para vida desafogada e de expansão?

— Está claro que sim. Desafogada e próspera. A língua portuguesa é falada, já hoje, por mais de 70 milhões de indivíduos, e um livro que pode dispor de uma tal soma de leitores não tem razão para viver em condições precárias. Costuma dizer-se que a língua portuguesa não pode comparar-se em universalidade, a outras línguas — como a francesa e a inglesa, por exemplo. Mas a verdade é que a nossa inferioridade não é tão grande como muitos julgam. A língua portuguesa é falada por uma população sempre crescente; em Portugal continental, nas Províncias ultramarinas e no Brasil...

— Nesse caso...

— Nesse caso, só resta aproveitar as nossas vastas possibilidades. O primeiro problema a considerar será o da produção literária e científica que mais convém à época actual. O intelectual de nossos dias já não pode limitar-se a produzir ao sabor dos seus momentos de inspiração. Toda a produção mental deve servir os interesses superiores da grei, ir ao encontro das suas mais imperiosas necessidades artísticas, literárias, culturais, científicas e técnicas. O profissional das letras tem de servir a colectividade, deve auscultar as necessidades, dúvidas, anseios e aspirações da hora presente, para as solucionar. Se fizer assim, sempre dentro da maior elevação, encontrará um público leitor certo, cujo número aumentará de dia para dia.

Perguntamos se não será pedir demais para leitores desinteressados ou de cultura desvelada, mas o Dr. Gonçalves Viana logo protesta:

— Os «livrinhos» que não ensinam nada, que não dizem nada, que não agitam nem encaram qualquer problema actual e digno de ponderação, os livros que fazem literatura por literatura, que às idéias sobrepõem a forma, e que ao pensamento sobrepõem a pecha da literatice, podem satisfazer os ócios de alguns românticos sonhadores, de cultores da arte pela arte, mas não interessarão à nossa época dinâmica e febril...

Diante de tantas impossibilidades actuais para tamanha obra, continua o nosso entrevistado:

— Precisamos de realizar grandes sínteses, estudando todos os problemas, não isoladamente, mas em função da colectividade. Para conquistar leitores, é preciso saber descobrir as suas necessidades — não os seus vícios e deformações intelectuais, derivados de uma defeituosa formação mental, mas as suas superiores necessidades espirituais ainda meio adormecidas ou abafadas pelo materialismo. É preciso reconquistar o público que fugiu com os cinemas, a rádio, a vida de café e a entrada das mulheres em todas as actividades. No tempo do romantismo, as mulheres e os rapazes eram os melhores fregueses das livrarias...

— E actualmente?

— Há mais cursos, mais diplomados, mais esco-

las — mas dedica-se pouco tempo à leitura, porque os divertimentos e as ocupações são muitos...

E, depois:

— Uma crítica literária, em bases científicas, dignas e honestas, constituirá, por outro lado, uma das condições de ressurgimento literário...

— E só isso bastará?

— E também é preciso olhar os nossos vastos domínios ultramarinos, que constituem um mercado certo e vasto, e que ninguém, até agora, soube explorar com larga visão. Nas colónias lê-se mais porque há menos diversões, porque se sente a saudade da metrópole, porque se deseja acompanhar a vida da nação. Até agora, têm-se mandado livros para as colónias, mas mandar livros para as colónias não é, de modo algum, espalhar a cultura portuguesa, nem criar o gosto pela leitura. Os livros têm ido ao acaso: muitas vezes vão os maus livros e ficam os bons... E, depois, há o caso da propaganda, lá mesmo, nas colónias, que deve ser coordenada. Seria interessante a criação, em todas as capitais das nossas províncias ultramarinas, de *Repartições culturais*, de onde irradiasse, para cada colónia, a propaganda dos bons livros, feita metódicamente, por grupos ou géneros literários, por categorias científicas, de maneira a elucidar os colonos e os estudiosos... Sim, porque é preciso manter a cultura portuguesa nas colónias, em toda a sua pujante plenitude...

— E com respeito ao Brasil?

— O Brasil oferece um largo desajudado para o livro português. Só os portugueses residentes já poderiam assegurar enorme saída à produção editorial metropolitana. Mas o povo brasileiro é muito culto e lê imenso. Só procurará o livro português, se for bom e bem pôsto ao seu alcance, levado a todos os Estados, mediante uma organização especial, que o distribua com espírito prático e inteligente. Não é com discursos que se resolve o problema: é com organização! Mas há mais...

— Mais?

— Sim... Não basta pensar nos portugueses que estão no Brasil; é imprescindível pensar nos portugueses que estão espalhados por todo o mundo, nos países da América latina, nos Estados Unidos, na África, por toda a parte... Ainda há anos, algumas famílias residentes em Marrocos se queixavam de que queriam dar livros portugueses aos seus filhos, mas que não os encontravam ali à venda!

— Portanto...

— Falta-nos organização que torne eficiente a propaganda e a distribuição do livro, não só onde se fala a nossa língua, mas também entre as «colónias» de portugueses dispersas pelo mundo, aproveitando, inclusivamente, os nossos agentes consulares como veículos do livro nacional do mesmo modo que os aproveitamos para a propaganda comercial.

Achamos excelente a sugestão do Dr. Gonçalves Viana, e ele continua,

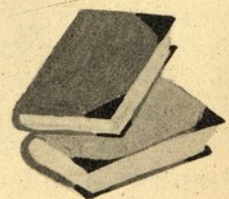
— Todos os problemas se podem resolver. A questão é encarar-os bem de frente, com o espírito das realidades e seriedade. Se começássemos a exportar obras inferiores, desacreditar-nos-íamos. Mas se a selecção fôsse honesta, só teriam a lucrar os autores, os editores e a nação.

— Portanto, não é insolúvel o problema da expansão do livro português...

— Não há problemas insolúveis. E este também o não é!

E já no apêto de mão, de despedida, o vigo-roso homem de letras acrescenta:

— Seria interessante que quem de direito o estudasse, dentro de bases novas e práticas, para, quando o mundo reentrasse na normalidade, dar execução aos planos previamente elaborados para a divulgação da cultura portuguesa em toda a parte onde vivam os portugueses — nas colónias, no Brasil e no estrangeiro...



O DIA da MARINHA PORTUGUESA

TRES de Maio, dia de Santa Cruz, dia da descoberta do Brasil, dia de Cabral — é também o «Dia da Marinha Portuguesa», dessa marinha que descende dos homens das caravelas e da Escola de Sagres...

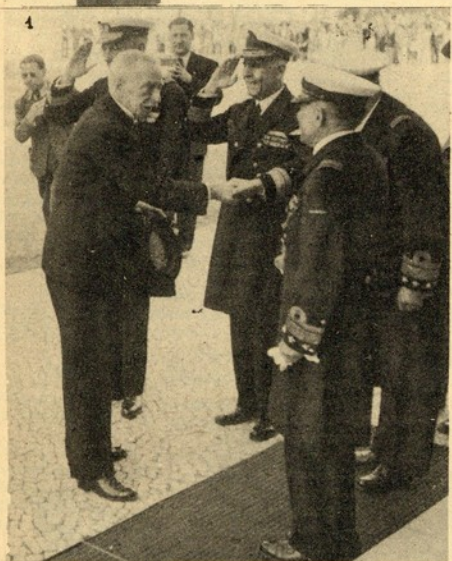
Este ano, o «Dia da Marinha» foi comemorado com brilho desusado: evocaram-se os mortos e galardoaram-se os vivos. A nação prestou homenagem ao passado e fez justiça ao presente. As cerimónias no Alfeite, em que andaram de mãos dadas gente do mar e gente das oficinas, foi tocante de simbolismo, de afirmação do que somos e do que podemos ser.

As fotografias que damos falam melhor do que nós...

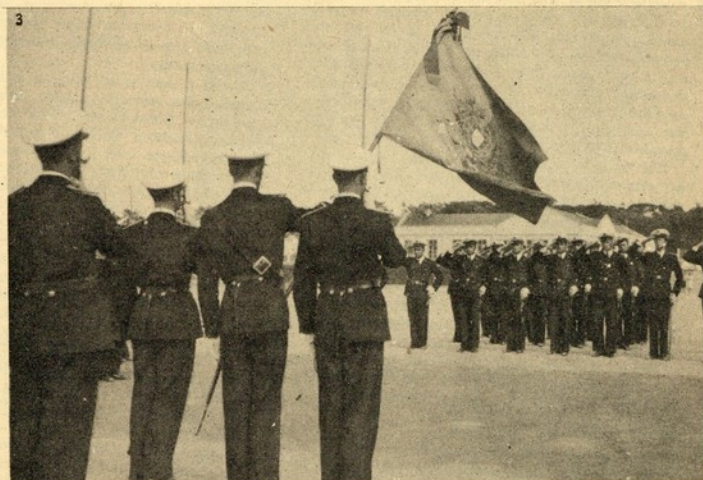


2

1 — O Sr. Presidente da República chega ao Alfeite... 2 — Onde os novos cadetes prestam juramento... 3 — Fazendo em seguida continência à bandeira, 4 — O Sr. Presidente da República, que assiste ao acto com as autoridades navais... 5 —...Cumprimenta um dos novos cadetes: felicidades, brio militar...



4



3



5



4

do caderno de um Reporter

MA decoração característica: a da farmácia Pinharanda. A figura central que aglutinava as atenções: o famoso liberal, braço direito do venerável e caduco dr. Sebastião Magalhães Lima. Este, lá parava todas as tardes. Sempre os polegares girando um sobre o outro; e os restantes dedos em descanso sobre o castão da bengala. Assim permanecia horas inteiras, enquanto o sr. Ferreira Pinharanda, baixo e obêso — o contrário do Oliveira magro e alto da drogaria fronteira — lhe descrevia a vida administrativa da «Vanguarda», o diário daquele velhinho.

Era abundante em gestos, aquele farmacêutico de ofício, administrador por devoção. E, principalmente, deliciava-se ao arriscar, entre os boões de porcelana azul e garrafas de arco em ferro, próprias para água oxigenada, todos os perigos teatrais de uma peça cujo eixo de acção fosse a estepa nevada da Sibéria mas cujos executantes necessitassem, em absoluto, de laranjas de Setúbal com açúcar para não se constiparem. Um pouco impetuoso, tinha seus rompantes, mas logo se arrependia.

Ali se reuniam, com suas peras e bigodes, os afamados tribunos e panfletários da época. Menos Angelina Vidal, por ser mulher e poetisa.

PROMOVIDO E DESPEDIDO

Descrito um, estão descritos todos. Mas aquele doce ambiente, perfumado pelos efêvios do contrato de magnésia, ficou-me para sempre gravado na memória. Além de que, descontado o eterno rolar das peças do gamão, as tardes no verão eram sonolentas, e ali tive o meu terceiro emprego jornalístico: dobrador da «Vanguarda».

Já contava com um galão mais. E, enquanto o sr. Pinharanda encerava os bigodes, operação demorada que tinha lugar na residência, um modesto e confortável rez-do-chão sito na rua da Rosa no prédio onde existe, agora, o «Diário de Lisboa» eu perguntava pontualíssimo:

— Tem mais?

Umaz vezes sim outras não, que a «Vanguarda» nunca foi jornal de grande voga. Vivía quasi só das assinaturas, e estas compostas em tipografia, com muito cuidado, para não prejudicarem a avença. Se esta falhava, lá se caligrafava, o melhor possível, umas quantas tiras ou «linguados» e dobravam-se com grossa espátula de madeira três ou quatro dias de jornal, de modo a aproveitar o máximo de peso avençado.

E, até que a «quínerva» de tabuleiro simples, não recebia a «fôrma» e o impressor a registava, o sr. Pinharanda, eu e demais pequenada a ajudá-lo, dobrávamos aí vinte exemplares por dia. Era desesperante. Quis intensificar o meu esforço, a bem da causa, mas só conseguí quebrar o frasco da goma arábica com a ponta da espátula.

Então, o bemquisto farmacêutico disse-me:

— Olha, Luís, antes que faças mais prejuizos, põe-te a andar.

Meu pai não gostou lá muito da minha exaortação, e desde essa época deixou de comprar ali, todos os anos, a habitual e bojuda garrafa de água das Lombadas.

TRIBUNOS DA PLEBE

Ele era um dos tribunos da plebe. Tinha muito que fazer. Durante a semana, embebido nos seus trabalhos de caixeiro com jornadas que iam até à meia noite, raro domingo lhe deixavam livre os inúmeros comícios em que se reunia o povo. Assim se esgotou precocemente, bem como tantos outros que tomaram sobre os ombros a tarefa brutal de erger «o velho Portugal dos Gamas e Albuquerque».

Certo é que estas labutas públicas, afora as ramificações necessariamente clandestinas da organização pré-revolucionária, entusiasmavam o público. Embora nunca lá me deixassem pôr o pé, recordo-me que a propaganda oral causava muito maior efeito que a imprensa. E, no entanto, os jornais republicanos circulavam intensamente.

Mas a emoção daqueles oradores públicos, autênticos tribunos sagrados pela plebe, perdurava na razão directa da simplicidade e eloquência das suas divisas. Ora estas, escolhidas com cuidado, diversificavam-se depois, conforme o talento tribunício de cada qual, e retumbavam no ambiente nacional, que lhes fixou as modalidades até hoje.

SILVA GRAÇA, A FÓRIA INOVADORA

Nos jornais, descontados «Vanguarda», a qual possuía seu público próprio, e a «Luta», onde Brito Camacho, com o ímpeto de um Clemenceau, rematava os seus célebres «ecos» em incisivos comentários próprios de um Briand, avultava, dentro do seu jeito noticiário, o «Século».

Reorganizado por Silva Graça, com a traça genial de um Girardin que, conhecedor da sua época e dos homens, tudo fizesse para converter o seu «Século» no jornal de maior circulação, ele conseguiu plenamente o seu fim.

Muitas histórias e historietas eu poderia contar a propósito do autêntico criador do «Século», para mais que, tendo saído amistosamente de «A Batalha», ele me enviou Nobre Martins e, em breve, entrava em contacto amistososo e respeitoso com Silva Graça.

Mas, entre essa pitoresca ressurreição de um personagem grande por méritos próprios, e a simples afirmação da sua personalidade na sua obra, a qual ainda hoje o perdura no que tem de popular, de expressivo, de efusivo, para encontrar o termo próprio, que nos baste esta verdade singela:

— O «Século» decidiu da fundação da República!

O «MUNDO» E AS «CARTAS POLÍTICAS»

Grande concorrência havia, nesse tempo, entre o «Século» e o «Mundo». Isto, quanto à venda em público: o país, em massa, caminhava para a República como instituição nacional, e até o «Diário de Notícias», petreamente mantido no seu velho figurino, teve de evolucionar um bocadinho.

Quanto a este, a questão era de anúncios, e em particular do pequeno anúncio. No que se referia ao «Mundo», heróicamente mantido por França Borges, assombrosa Silva Graça a crescente tiragem do popular órgão republicano. Ensaíou tudo. Fêz o célebre «Concurso dos Bichos», já com Mimon Amzalack, eterno na juventude, no sorriso e no charuto. Decuplicou a tiragem. Houve dois prémios célebres: um «chalet» no Campo Grande e a célebre carruagem e seus cavalos.

Mas os «bichos» esgotaram-se. Surdiu um crime célebre: o da varina morta na azinhaga da Fonte. O «Esculápio» esgotou o assunto. O «Século» manteve-se. Renasceu, porém, o interesse pela «res pública» com a questão dos tabacos e outras minudências da época. Uma bela manhã, quando Silva Graça vinha dos lados da sua casa para ver as últimas notícias, deparou, no Rato, com um bando de garotos a bradar:

— Século... imundo... Século imundo!

— Século i mundo... Século imundo!

Chamou o chefe da venda e, logo no dia seguinte, averiguado o «crime», voltavam a apreçoar como de costume:

«A CAPITAL» E MANUEL GUIMARÃES

Entretanto, produziam-se dois acontecimentos fundamentais na vida dos que trabalhavam em papel impresso:

— Expansão das «Cartas Políticas», de João Chagas, modelo inspirado em Paulo-Luiz-Courrier, o célebre quanto desventurado helenista francês.

Por dezenas de milhares de papel azul-ferrete, quasi preto. Jámais sucedera isso em Portugal.

E a saída da «Capital», audaciosa e retumbantemente fundada por Manuel Guimarães, chefe de redacção do «Século», o qual fizera ver a Silva Graça que este ia por mau caminho. A novos tempos, novas necessidades...

Possuía Manuel Guimarães, além da fé republicana, o génio do confeccionador de jornais.

Soube, pois, depurar um grupo de selectos redactores e o primeiro jornal da tarde apareceu. Em rápidos golpes, conquistou um lugar onde se mantinha quasi vinte anos, popularizando-se, tornando-se indispensável.

Nenhum jornalista pode ignorar esse grupo famoso, de homens com nomes já feitos ou então confirmados, que a férrea vontade de Manuel Guimarães guiava e fez triunfar.

ENQUANTO O CANHÃO TROAVA...

Retumbava o canhão, ora no rio, ora na Rotunda, respondendo-lhe ordenadamente as baterias de Paiva Couceiro.

Deixámos o guarda-marinha, pouco antes promovido a segundo-tenente, Cabeçadas Júnior, a aprestar-se para a faina de comandar o «Adamas-tor», disciplinadamente sublevado, se a expressão e permitida.

E, enquanto fazemos o periplo deste mundo já enterrado, quasi todo, das nossas reminiscências próprias, que nos perdêem aqueles que tudo ou muito mais sabem pelo benefício dos que, vindos depois, tudo ignoram.

CONSIGLIERI SA PEREIRA

MEMORIA VISUAL



Aqui está João Franco — João Franco, o «Stuart» do café da Brasileira do Chiado, que posou para o nosso fotógrafo.

Ja tinha visto **ESTAS CARAS?**

A FINAL descobriu de quem eram as caras que publicámos no último número? Se não descobriu, é que não vive em Lisboa, ou, então — é que está sempre metido em casa e não conhece ninguém nem frequenta teatros, festivais desportivos, cafés ou tabacarias, onde já não se vende tabaco...

Aqui está, pois, a solução do passatempo, o exercício de memória visual que oferecemos ao leitor, dentro das condições publicadas no número anterior.

A estas, outras se seguirão: de detalhes de monumentos de Lisboa, de rubricas de nomes conhecidos.

No próximo número daremos outras fotos...



Esta fotografia é de Martins, o conhecido e valoroso guarda-rédes do Benfica, já o tinham reconhecido?



Este é o autor Alberto Guira, que o leitor que gosta de bom teatro viu com certeza no palco, tal qual aqui está...



Esta menina chama-se Aida, SANCHEZ e é empregada na tabacaria «Trevor», aqui perto, da rua da Misericórdia.



A luz dourada dá às arcarias da rua Augusta aspectos como este.

LISBOA foi sempre uma sugestão para poetas, para pintores, para turistas — e até para os fotógrafos, tão artistas como os outros. Esta mistura de tintas sombrias e garridas, este «jazz» de sons agudos que vive nos pregões, nos «claxons», esta mistura de motivos em que andam costumes de avoengos e posições de turismo faz da nossa cidade uma salada pitoresca — ou não fossem alfaias os seus filhos! — com cronistas de paladar apurado e chiste para a trincar...

Lisboa, realmente — e os que conhecem outras cidades-capitais que o digam — tem encantos diferentes das mais: não será só o sol, o céu azul, as estrelas. Todo esse encanto banalizou, por sua vez o encanto de Lisboa. O que faz linda a nossa pequena cidade é talvez este arzinho de menina, aldeã, vestidinha de chita e cambraias e adornada de lentejoulas antigas. E, daí, talvez não seja. Este conchego de lar íntimo que a terra nos comunica talvez não tenha definição. A cidade que é de mármore e granito — mas que assenta toda ela em terreno calcário — mantém o seu cunho de nobreza antiga que lhe fica tão bem quando não significa miséria de vielas — mas é também uma Lisboa de largas artérias, abertas ao largo comércio, à vida desafogada sem grandezas fora da proporção da terra que conduz.

No sol-pôr, pelas tardes de bruma ou de luz rútila, pelas manhãs fresquinhas, beira-Tejo a sonhar com mundos os novos da nossa fantasia, Lisboa tem sempre aspectos novos, coisas que se descobrem no imprevisto, motivos diferentes de bem querer.

As sugestões são múltiplas. Mas o nosso olhos, passando e repassando pelas ruas e vielas via o calo da inconsciência — e às vezes sentimos-lhe o encanto sem o ver. Depois, a vista, na amplitude do quadro, dilui os pormenores. E é por isso que não temos capacidade para ver — como se vê através da sensibilidade do artista. Porque Lisboa, terra de luz dourada e sombras melancólicas, insinua-se em nós, impregna-nos do seu místico poder de sedução e ocupa nas imagens do nosso pensamento — sempre em primeiro plano que não sabemos distinguir...

O fotógrafo — aqui, chama-se ajuda-nos. Ele fixou estes pedaços do corpo de Lisboa que sentimos que existiam mas não tínhamos visto. Não é verdade que em todas elas flutua a alma da nossa cidade — esta que anda dentro de nós próprios?



(Fotos do artista fotográfico Fernando Vicente)

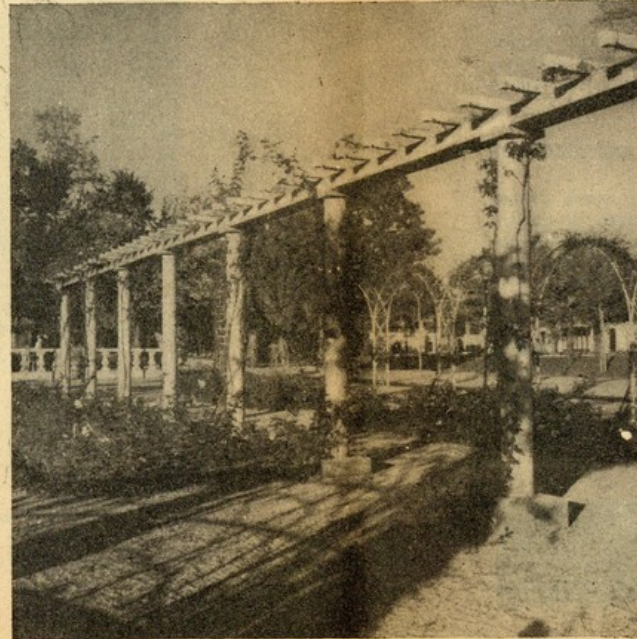
NESTA LISBOA DE OUTRAS RUAS...



É assim o Campo Grande, nestas manhãs de céu enovado...



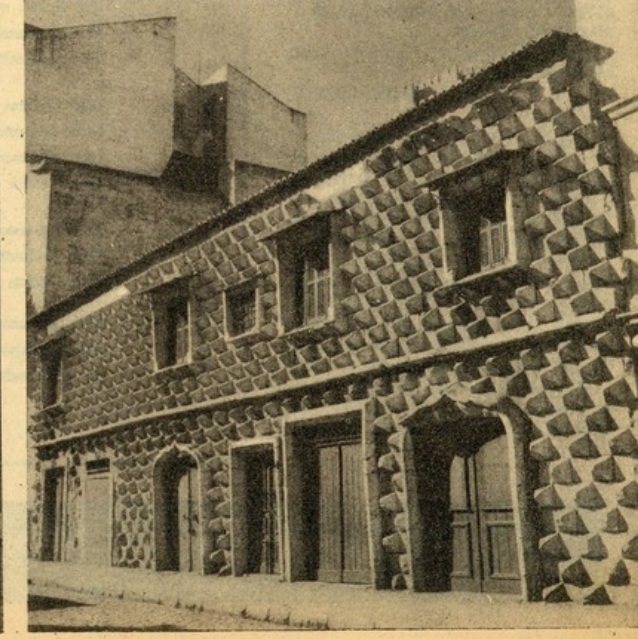
Já tinha reparado neste maravilhoso detalhe do Monumento da Guerra Peninsular?



Lisboa — «Jardim da Europa à beira-mar plantado» — desabrocha florida no roseiral do Zoológico...



Quando a noite começa a vestir de sombras o Campo de Santana, há destas rendas no céu...



Onde encontrar arquitectura mais pitoresca do que esta «Casa dos Bicos?»

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA...
DE JOÃO MARIA FERREIRA,
POETA

*É tarde, o sol desmaia.
Que lindo vai o mês!
Há virações na praia
Na praia... do Gerez.*

*Que tardes tão formosas
Ali junto das águas,
Em gótas sulfúreas
Cheias de sódio—e nágoas.*

*Sentada a uma janeia
Uma mulher sorrir:
Tem a face amarela
E chama-se Lili.*

*As horas vão passando
Em sonhos aquáticos
E como elas, em bando,
O bando dos hepáticos.*

*Uma sineta agora
Põe-se a badalar:
Chegou, senhores, a hora,
A hora de jantar.*

*Renace a luz da esperança
Mais doce do que o doce,
O hepático avança,
O poeta... raspou-se!*

PÓRTICO

DIZEM-NOS que à entrada da casa de Alberto Tota, nas Azenhas do Mar, se encontra esta legenda sobre azulejos:

*«A Casa de Alberto Tota:
Ao entrar — Aljubarrota;
Ao sair...
...Alcácer Quibir...»*

VOZES

JOAQUIM Paço de Arcos escusava-se, há dias, de falar ao microfone, alegando a sua voz.

Sempre modesto, este rapaz!

COMENTÁRIOS INGENUOS

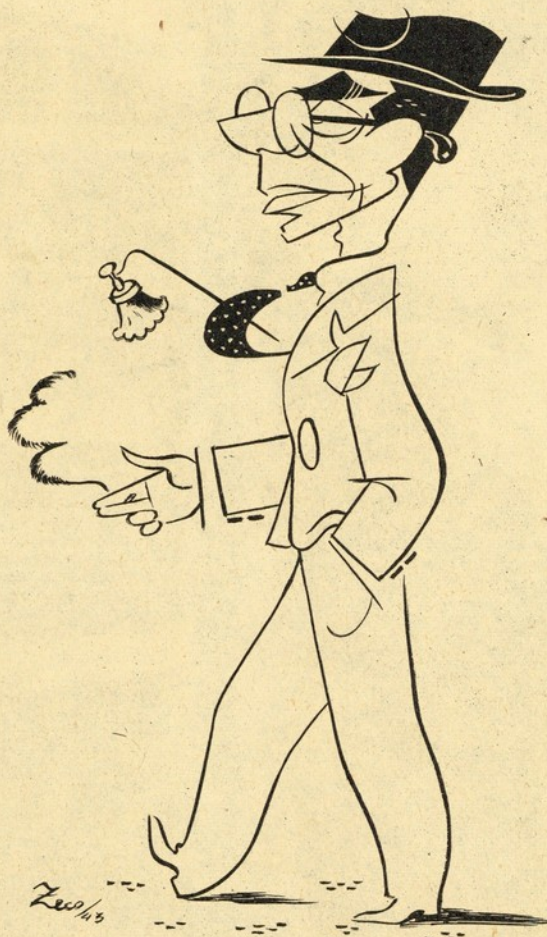
A propósito duma homenagem que, há dias, se realizou ao dr. Luiz Adão, conhecido clínico, comentava alguém na *Brasileira* do Chiado:

— Nunca imaginei que o Adão fosse médico!

MORALIDADE

NA Feira popular de Palhavá haverá dois teatros: um de artistas de carne e osso; outro de fantoches — um desdobraimento do *Teatro de Mestre Gil*. Com destino ao primeiro estão a escrever uma revista Xavier de Magalhães e Fernando Ávila e, segundo nos informam, as coristas não aparecerão de pernas nuas, mas em «maillots» como nas antigas feiras de Alcântara, de Santos e do Parque Eduardo VII. De «maillots», as coristas? Mas, queridos colegas, coristas de «maillots» — é o cúmulo da imoralidade!

VITORINO NEMÉSIO



Tens, acredita, o fôgo soberano
Da Arte: se ergues na candeia, acesa,
Em chamas e encantos de beleza,
Todo a feitigo do género humano.

Mas sobre essa glória erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano;
Um não sei quê de negro, de africano,
Que pede um fadinho à portuguesa.

És professor, poeta, e tudo o mais
Que a fantasia sonha — ó primavera! —
Entre alas de buxo e roseiras;

Mas presinto, Nemésio, que um dia
Há qualquer coisa estranha que t'espera:
Sêres condenado a entrar... p'ra Académica!

Olá Viláque

PRESOS

O dr. Manuel Pinheiro da Costa, actual juiz duma das varas de Lisboa, perguntou, uma vez, a um arguido já condenado dez vezes:

— Qual a sua profissão?
— Pensionista do Estado.

NOTA DE FRESCURA

NA noite da distribuição de prémios do S. P. N., no *Teatro Nacional*, enquanto os demais premiados ostentavam protocolarmente casaca, José de Almada Negreiros — vestia casaco de flanela cor de creme. Eis uma nota de grave frescura em absoluta harmonia com a clássica irreverência de Almada.

IDÉIAS

CONTA-SE que o conhecido escritor teatral Manuel Fragozo entrou um dia numa farmácia e pediu dois tubos de comprimidos.

— De quê? — perguntou o farmacêutico.

— Qualquer coisa serve. — É para marcar os números nos cartões do quino...

Não garantimos a veracidade.

FILOSOFIA SALOIA

UM saloio de Almagem do Bispo tinha um burro que era todo o seu encanto. Há dias, ao dirigir-se para Sintra, trotando sobre o animal, este, repentinamente, caiu no chão — e morreu. Logo o saloio levantando-se e olhando para o burro morto na estrada:

— Aqui está o que nós somos!

CHABY E O GAROTO

UMA vez no Rossio o actor Chaby Pinheiro parou a ler o «placard» do *Século*. Eis senão quando vê andar à volta dele um garoto que vendia jornais. Sem poder compreender aquilo, Chaby perguntou-lhe, de má catadura:

— Que andas tu a fazer, rapaz?

— Ando a dar a volta ao mundo... — respondeu o rapaz dando às de vila Diogo.

CARICATURAS

ANUNCIA-SE para breve uma exposição de caricaturas em que expõem conjuntamente Stuart Carvalhais, Manuel Santana e Zéco. Deus os fez — e a «Vida Mundial» os juntou!

FEIRAS

DIZEM que a Feira do «Século» vai ser um mimo. Pois vai. Vai ser um Mimon... Anhaory!

Actualidades

GRAFICAS



30 novos bombeiros têm os sapadores Bómbeirós que se apresentaram há dias nas provas finais, merecendo justos aplausos a eficiência dos seus trabalhos — como se vê na foto, que reproduz uma passagem dos exercícios.



Foi uma festa de requintada elegância e de apurado sentido artístico o programa realizado no Círculo Eça de Queiroz, por motivo da inauguração dos melhoramentos que ali foram recentemente introduzidos.



Coube este ano ao engenheiro Augusto Vieira da Silva, o prémio «Júlio de Castinho», concedido pela Câmara Municipal de Lisboa ao melhor livro publicado em 1942, versando assuntos lisboetas. A foto dá-nos a cerimónia da entrega do prémio.



O sr. Ministro da Venezuela ofereceu, no Aviz Hotel, um «cocktail» ao sr. Embaixador do Brasil que, conforme já dissemos, parte em breve para o seu país. Entre a assistência, viam-se muitos elementos do mundo diplomático e da primeira sociedade lisboeta.



Na Casa da Comarca de Arganil, o grupo cénico da Casa Teodoró dos Santos levou a efeito uma récita que decorreu muito animada. Na foto, damos um aspecto da assistência, entre a qual se encontra o chefe daquele estabelecimento.



O sr. Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social inaugurou, no Sindicato dos Tipógrafos, uma curiosa exposição de recordações gráficas.



Rosalind Russell e Fred Mac Murray — ou sejam «Ela e o Secretário...»

7 dias de CINEMA

Por FERNANDO FRAGOSO

definem o bom comentador da anedota. Como exemplo, citamos a entrada de Mac Murray, quando procura Rosalind Russell, que supõe ser um homem, armado da inevitável carta de recomendação. Michel Leisen — lembram-se de «A minha História» — e o tal autor do «screen-plays» (não se esqueçam!) souberam tirar da situação o máximo partido, através duma seqüência muda, que, logo de início, nos dá a medida do valor do filme... E, depois, ao longo de de tóda a película, exploraram a nota graciosa (a luta entre o chapéu alto e a «claque», por exemplo), com um sentido vulgar do «humor» cinematográfico. E tudo isto, roçando pela farsa (vide a «rasteira» com que Roz estende Mac Murray no chão, em pleno «cabaré»), mas sem perder a «allure», a distinção, que é uma das marcas difíceis de atingir com êxito.

«Ela e o Secretário» é um filme tipicamente americano. Não só pelo assunto — como pela forma. Em boa verdade, só Hollywood consegue fazer este género de filmes, deliciosamente frívolos, em torno dum conflito quase inexistente — e construir um espectáculo sólido, sobre as areias movediças dum assunto explorado em todos os tons... Não me canso de chamar, para o facto, a atenção do leitor desprevenido. Porque estamos inegavelmente em presença dum prodígio, que nos não surpreende à força de repetir-se. E o segredo está na frescura de espirito, na vivacidade, na alegria e no bom humor dos argumentistas e realizadores da Cinelândia, que têm um «jeito» inegável para contar estas histórias cujo interesse e novidade está justamente no sabor que imprimem à narrativa...

Fred Mac Murray é um bom actor. Mas nunca me «convenceu» inteiramente. Cheguei até a emburrar pessoalmente com a maneira, entre sonolenta e desajeitada, de interpretar os papéis que lhe cabiam em sorte. No entanto, Fred Mac Murray impõe-se pelo seu magnífico trabalho em «Ela e o Secretário». Encontrei, no seu desempenho, certas reminiscências da «maneira» de dois outros actores — James Stewart e Henry Fonda — sem prejuízo da própria personalidade. O que me leva a supor que só agora Hollywood haja descoberto qual o tipo de papéis que melhor se ajustam à sua maneira de ser.

Em compensação, tenho por Rosalind Russell uma admiração sem limites, e que data dos recuados tempos da «Tentação Loira» e de «Nos mares da China». Na comédia, no drama, como na farsa, é admirável de encanto e de feminilidade. Verdadeira e profundamente mulher, ninguém como ela saberá encarnar Eva, no Paraíso de 1943... E fujam de provar a torta de maçãs, que é seu segredo...

Desta vez ainda, Roz — como lhe chamam em Hollywood — impõe-se pela sua graça e distinção. E através da figura que criou, soube transmitir-nos a chama interior do seu talento, o prestígio irradiante da própria personalidade.

Leslie Howard falou, no Politeama, e no Nacional, sobre o cinema e o teatro — artes a que consagrou a sua vida. Como actor e como realizador, Leslie fez um nome considerado e respeitado em todo o mundo. Porque tem idéias próprias, porque sabe o que quer e para onde vai — rotularam-no de intelectual! E sempre que Leslie apareceu em público, surgiu como «leit-motiv» das inevitáveis palavras de apresentação — precisaria Leslie Howard de ser apresentado? — a afirmação, soene e profunda, «de que é um intelectual».

No entanto, o que encantou e surpreendeu o espectador das duas conferências foi justamente ter encontrado na sua frente, não o conferencista afectado a tresandar sabedoria, não o orador de estilo empolado e de cultura maciça, mas o conversador admirável que é, o homem simples, insinuante, que sem as transcendências que o qualificativo deixava antever, contou, entre dois sorrisos, com graça e facilidade, «como se faz um filme» e «qual a posição do actor moderno perante o papel de Hamlet».



Maria Montez, a famosa actriz mexicana, que é uma das mais recentes revelações do cinema americano.

A história de «Ela e o Secretário» não é nova! Já a vimos, com efeito, glosada em dezenas e dezenas de filmes — e não esqueçamos até a adorável «Secretária do meu marido», onde as coisas se passavam «quasi da mesma forma, mas exactamente ao contrário», se quisermos, com este paradoxo barato, dizer que o problema em equação tinha, como termos principais, um homem de negócios e a sua secretária — e não, como no caso da fita do Eden, uma agente de publicidade empreendedora e com idéias, e um secretário, talvez demasiado gto para a servir, nos requintados aspectos das negociações, realizadas em «cabarés», por entre as «flames de velour» de que nos falava o Dekobra; as loiras-champagne, mais capitosas do que uma garrafa de Mouet-Chandon; e as embragaadoras melodias modernas, que trazem consigo os efêlvios do perfume de certas mulheres, que deixam rasto...

A história não é nova — mas o filme interessa. E isto parece-me digno de ser pôsto em relevo, porque no estado actual do cinema, em que os cérebros dos argumentistas, submetidos a um trabalho intensivo, buscam em vão idéias novas — vale a pena procurar saber porque é que o público aceita e distingue, quasi como nova, a novela dos amores e ciúmes de «ela» e do seu secretário...

O segredo do êxito do filme está, acima de tudo, no espirito, no tom, na leveza com que nos foi contado! Trabalho do autor do «screen-plays» — e do realizador. Todos os outros elementos concorrem para o resultado final. Mas foram aqueles que o decidiram.

É freqüente, numa roda de amigos, ao evocar-se uma anedota, que alguns conhecem, ouvirmos dizer:

— Deixa Fulano contar. Ele tem uma habilidade especial...

E Fulano, que às vezes é um sensaborão de marca maior, «compõe o ramalhete» com tal pericia, recheia a história de tão graciosos pormenores, inventa esta ou aquela situação à margem do relato propriamente dito, que acaba por justificar o juízo daqueles que o consideravam «com uma habilidade especial» para tanto...

Salvo o devido respeito pelo trabalho do autor de «screen-plays» e do realizador — e fundo-os aqui para comodidade da exposição — aqueles estão para o cinema, como o nosso herói conversador para as anedotas. Tudo depende da maneira de contar. Do contar — é que vai o ganho.

Em «Ela e o Secretário», abundam os achados — as manifestações de engenho e de espirito que

O CINEMA ALEMÃO

E AS SUAS

VEDETAS



Brigitte Horney é a vedeta do novo filme de Eduard Schmidt, cujo título original é «Münchhausen».



Nem só a América tem lindas vedetas, o cinema alemão também. Que tal acham Kristina Söderbaum?



Marika Rokk uma nova produção da UFA «Hallo Janine» realizada por Carl Boese.



Magda Schneider a genial interprete da «Sinfonia incompleta», continua a ser a favorita do público cinéfilo alemão.



Cena do filme de grande metragem da UFA, «Die Entlassung», (A demissão), em que se vê Werné Kraus interpretando a figura de Geheimrat von Holstein (à esquerda), e o grande Emil Jannings no papel de Príncipe Bismarck.

AS QUE VELAM PELA SAUDE alheia



LAVOISIER foi o revolucionário da química, tombando, afinal, em holocausto da ciência que serviu, num verdadeiro apotolado. Até então, os alquimistas consumiam a existência em silenciosos laboratórios, esbarrando diante de cada novo elemento que a experiência apresentava. De facto, a química do almofariz foi, durante tempos, a técnica dominante. Vauquelin, moço de botica e, mais tarde, pelo amor ao estudo, professor do Colégio de França, teve que palmilhar de Rouen a Paris, com seis francos no bolso, criança ainda, para ouvir lições de química de Fourcroy, em plena glória, e porque se sentia atraído por aquela ciência. O grande professor, quando viu à sua frente aquela débil criança, protegeu-a — lhe trabalhou. E Vauquelin passou a lavar frascos, a fazer recados — para, nas horas vagas, com uma persistência de forte, estudar em todos os recantos, com a devoção de vir a ser alguém.

Efectivamente, Vauquelin, um dia, ao entrar no laboratório do seu patrão, olha para aquilo tudo com o ar mais natural deste mundo — e, diante da admiração do mestre, faz experiências.

Fourcroy nunca mais o mandou aos recados. Foi o seu discípulo predilecto — e o ajudante com melhores provas. Deu-lhe trabalhos — e passou a seu colaborador. Entrou na Academia, regou cadeira no Museu da História Natural — e a grande obra científica de Fourcroy vive da ajuda do seu discípulo.

Assim como Vauquelin, temos, na Inglaterra, Faraday e o seu professor Davy. Faraday era pobre. Um dia, trabalhando numa oficina de encadernação, lê, às escondidas do encarregado, um livro de química escrito por uma mulher. Fica logo subjugado pela ideia da ciência. Uma noite vai escutar o grande mestre Davy à «Royal Institution». E a sua grande paixão pela química nunca mais o largou. Durante oito anos estuda, sozinho, nos velhos livros que lhe emprestam. Por fim, escreve as lições que tinha escutado a Davy — e pede, numa carta, ao consagrado químico que o ajude a abraçar aquela nova vida visto que abominava a do comércio. O professor accede — e tomou Faraday como seu preparador — e em tão boa hora, que os êxitos das suas experiências correram mundo e a Inglaterra podia contar com mais uma glória da ciência moderna.

Ao lado destes, porém, quantos outros humildes trabalhadores poderíamos apontar? Começaram, em extrema miséria, lutando pela vida, lavando frascos em boticas de aldeias e atingiram todos os segredos que a ciência se dignou desvendá-lhes com os nomes aureolados de glória...

Dumas, o químico francês que foi secretário perpétuo da Academia, também limpou, muitas vezes, o chão duma pequena botica de Gênebra, onde permaneceu para ganhar a vida.

Quando Lavoisier apareceu com a sua teoria: na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma — houve um movimento de curiosidade em sua volta. De facto, o grande químico era, para o espírito da época, um ousado, um revolucionário. Foi combatido — mas não esmoreceu. Há um grande quadro que representa Lavoisier vestido à nobre, sapatos de fivela de prata, fechado no seu laboratório, a cabeça branca e comprida, quasi sobre os ombros, e que tem a seguinte legenda: «Lavoisier analisando o ar atmosférico». O pintor pôs, no olhar do sábio um clarão demoníaco e carregou na penumbra do laboratório de tal modo que as línguas de fogo que aquecem o mercúrio parecem os olhos de Satanaz a brilhar nas trevas. Um homem que vinha revolucionar a teoria e a prática da química teria, por força, de ser perseguido. A

sua cabeça roçou na guilhotina — mas a sua química rolou no mundo, pela eternidade.

A química tem tido um papel preponderante na sociedade moderna. Hoje fazem-se bombas que matam — e vacinas que salvam. E tudo dentro dos laboratórios, com pessoal especializado que sabe manipular, com diplomatas que as escolas autenticam com o selo branco.

Nos laboratórios emprega-se uma verdadeira multidão. As mulheres são mais numerosas. Há as preparadoras, as analistas, as ajudantes, as auxiliares de laboratórios e até as que chefiam, com cursos especiais, tirados no estrangeiro. Toda a vida anda hoje ligada à química — porque nos laboratórios não se fazem só, como muita gente julga, hóstias, vacinas, especialidades injectáveis ou granuladas. Se isto é uma parte que interessa, de facto, ao campo da medicina, há outras aplicações a que o laboratório está ligado. As análises, por exemplo. A analista tem uma tarefa bem espinhosa a cumprir: é ela que, durante horas, faz reacções, combina e decompõe elementos, para achar, por fim, o resultado do seu árduo trabalho. E o sangue dum doente, a que o microbio vai comendo os glóbulos, é a expectoração, com claros indícios de moléstia grave, tudo, enfim, que o facultativo, para diagnóstico, manda ao laboratório. E esse serviço que require, além de invulgares conhecimentos, talvez mesmo ânimo forte, é desempenhado por muitas mulheres que assim ganham o pão de cada dia. A vida dos laboratórios é espinhosa. Mesmo quem lá entra sofre uma certa emoção. O ambiente, por onde paira um cheiro forte e desinfetantes, as mesas largas e compridas, cheias de pinças, de espátulas, de almofarizes, de balanças, de frascaria com rótulos, em letra miúda; aquele vago conversar, a meia voz, e os passos abafados de algum médico que vem saber «como vai a sua análise» — sobretudo as betas brancas, as luvas e as dedeiras dos preparadores — tudo feito num alto silêncio que só se interrompe, às vezes, sumido, com o talim dum pé cado na balança, dão ao laboratório um ar carregado de tristeza. Todavia, há ali dentro graça, gentileza, formosura. Raparigas esbeltas que, na manhã sorridente, ouvem da esquerda, um galanteio — e elas são luminosas e claras, como o sol da Primavera — o ar severo ficou lá dentro nos bolsos das batas para, no outro dia, se maquiarem.

O trabalho dos laboratórios é, geralmente, de oito horas. De manhã as auxiliares enchem os frascos, vêm cuidadosamente se nas balanças estão afluídas, se os tubos, as retortas, estão prontas a funcionar.

Acendem os bicos de gás — aquecem soluções.

As preparadoras pedem os ingredientes. E a vida recomeça, como todos os dias. Cada preparadora tem a sua ajudante — e trabalha numa mesa, provida de balança, cadinhos, provetas e retortas.

As analistas observam cuidadosamente. O chefe do laboratório anda de um lado para o outro a distribuir serviço, a orientar, a corrigir qualquer dúvida.

Preparam-se vacinas, séros, especialidades manipuladas — tudo com um controlo rigoroso, porque qualquer engano poderia trazer prejuízos consideráveis. A mulher tem aqui, nesta vida dos laboratórios, uma das melhores afirmações da sua inteligência.

Trabalhando, desveladamente, pelo bem comum, velando pela vida alheia e sacrificando muitas vezes a sua, ela consegue ser, dentro do laboratório, a dedicada protectora da humanidade doente.



Aqui se faz a lavagem e o enchimento de ampolas de soro



Esta graciosa rapariga também pertence à secção de embalagem.



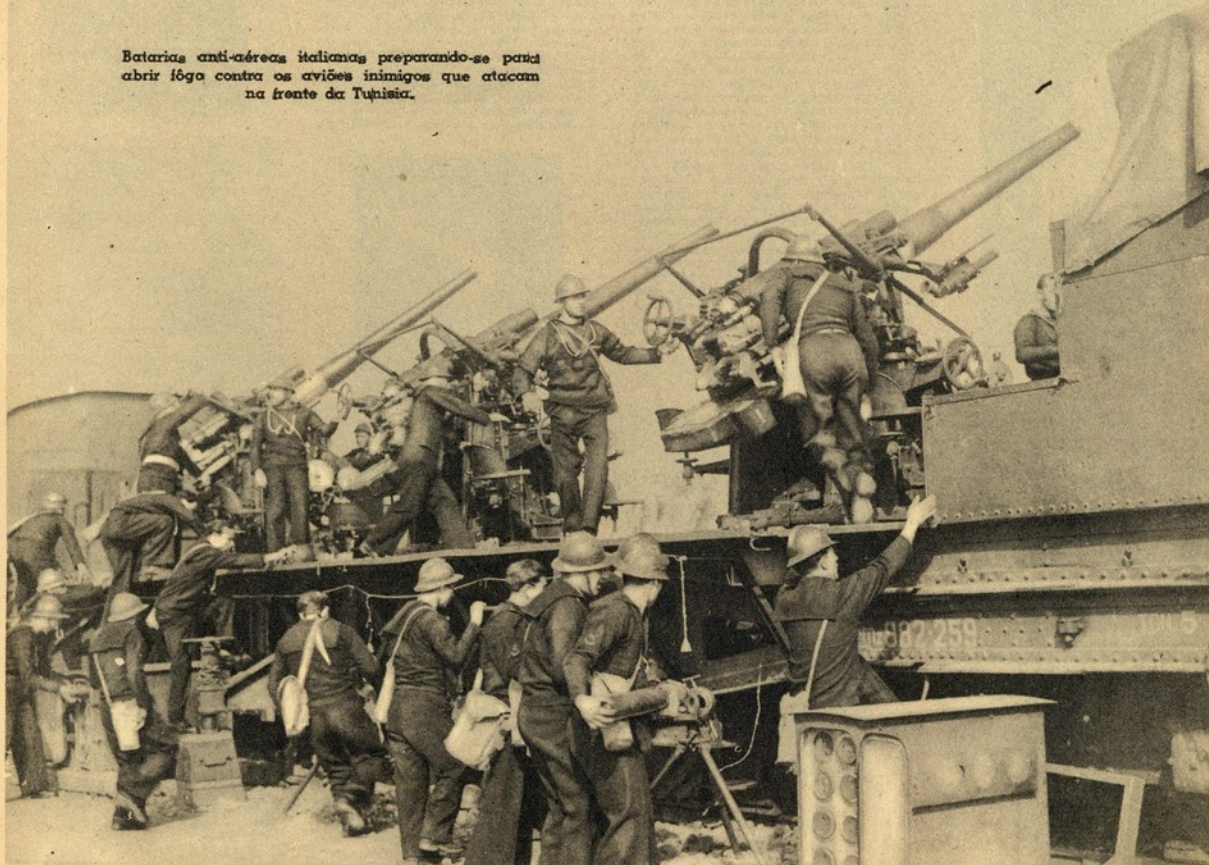
E esta outra procede ao fecho das ampolas

(Fotos feitas nos laboratórios do Instituto Pasteur de Lisboa)

A Itália, seguindo o exemplo da Alemanha, faz um esforço de guerra total. Mobiliza para esse efeito todas as suas energias. Esta foto mostra-nos alguns novos soldados preparando-se para partir para o combate.



Baterias anti-aéreas italianas preparando-se para abrir fogo contra os aviões inimigos que atacam na frente da Tunísia.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIX - a França depois da derrota

3

A FRANÇA E OS PAÍSES ESTRANGEIROS

NO plano da política interna havia que tirar as naturais consequências da lei de plenos poderes votada pela Assembleia Nacional. O marechal Pétain era agora o Chefe do Estado francês, simultaneamente chefe do poder executivo e do poder legislativo, dispondo dos poderes necessários para proceder a uma reforma total da política francesa, a começar pela lei fundamental do regime. Em



que sentido ia desenvolver-se a sua acção? Para que destinos ia o marechal encaminhar a França? É natural que, ao assumir a plenitude das suas novas funções, ele tivesse sentido todo o peso das suas responsabilidades históricas e que, antes de começar a realização da tarefa que o destino, mais talvez do que o homem, lhe confiara, meditasse longamente sobre o passado da França, meditação indispensável a quem se preparava para encaminhar a nação numa nova senda.

O presidente da República, ainda em exercício, sr. Albert Lebrun, demitiu-se das suas funções consagrando, com o seu pedido, um estado de coisas já existente na prática. O sr. Albert Lebrun, que aceitara o convite que o governo Daladier lhe fizera para aceitar uma reeleição indicada pelas circunstâncias, via assim o exercício do seu mandato interrompido e, segundo todas as probabilidades, terminada a sua carreira política. No exercício das suas funções, em tempo de paz, o sr. Albert Lebrun procurara ser um executor fiel das normas constitucionais em vigor e das regras do jogo parlamentar que constituíam a base do funcionamento regular do regime republicano em França. Depois de abandonar o alto cargo que desempenhara durante al-

guns anos retirou-se para Vazille e o seu nome nunca mais apareceu invocado para justificar qualquer actividade política. A sua demissão contribuiu para facilitar a tarefa de que o marechal se incumbira numa hora particularmente difícil para os destinos da França e para o seu futuro. Simultaneamente o marechal tinha de proceder a uma recomposição profunda do gabinete que constituiria para celebrar o armistício com o Reich.

O NOVO GOVERNO

O novo governo da presidência do marechal Pétain ficou assim constituído: Chefe do Estado e do governo, marechal Pétain; vice-presidente do Conselho, Pierre Laval; Justiça, Albert; Interior, Marquet; Negócios Estrangeiros, Baudouin; Finanças, Bouthillier; Defesa Nacional, general Weygand; Instrução Pública e Belas Artes, Mireaux; Juventude e Família, Ybarnegaray; Agricultura e Abastecimento, Caziot; Produção Industrial e Trabalho, Belin; Comunicações, Pietri; Colónias, Lemery. Além destes ministros havia três sub-secretários de Estado trabalhando sob a direcção do ministro da Defesa Nacional, um para a Guerra, outro para a Marinha e outro para a Aviação que eram, respectivamente, o general Colson, o almirante Darlan e o general Pujot. As características do novo governo eram sensivelmente diferentes da do governo anterior. Este último tinha as características de um governo de compromisso que, embora reunindo apenas personalidades que concordavam com o termo das hostilidades e com a realização rápida do armistício, vinham dos mais opostos campos partidários. O gabinete, constituído em seguida ao voto da Assembleia Nacional sobre os plenos poderes a conferir ao marechal, aparecia mais homogêneo sob o ponto de vista das divisões internas da França. Constituíam-no apenas individualidades que tinham afirmado a sua oposição ao regime parlamentar. Aquelas mesmo que, figurando no novo governo, haviam colaborado com esse regime, e



era o caso dos srs. Pietri, antigo deputado, Lemery, antigo senador, tinham afirmado os propósitos de aceitar uma solução de política interna diferente daquela que vigorava à

data da declaração de guerra. A criação da pasta da Juventude e da Família, cuja direcção aparecia confiada a um político da extrema direita, o sr. Ybarnegaray, revelava os cuidados do novo governo quanto à necessidade de proceder a uma transformação profunda da instituição familiar francesa. Assim, no plano da política interna a composição do novo governo não deixava dúvidas sobre as intenções do seu chefe e dos seus mais categorizados elementos.

OS ACTOS CONSTITUCIONAIS

Enquanto se não procedia à reforma constitucional encarada, o marechal promulgou uma série de Actos Constitucionais nos termos dos quais se propunha governar a França enquanto esta não pudesse regressar à normalidade, assinando um tratado de paz com o vencedor e realizando os actos indispensáveis para estabelecer a legalidade na vida pública da nação. No primeiro desses Actos Constitucionais, o marechal declarava assumir as funções de Chefe de Estado e mandava revogar a lei constitucional de 20 de Fevereiro de 1875.

O Acto Constitucional n.º 2 era, de todos os que nessa altura foram promulgados, o mais importante e o de mais extensas repercussões. Por ele o marechal assumia a plenitude dos poderes legislativos e executivos, com a faculdade de nomear e demitir os



ministros que eram apenas responsáveis perante ele. Quanto ao exercício do poder legislativo, este seria apenas confiado ao marechal enquanto se não procedesse à eleição das novas assembleias previstas. Ao marechal, de quem pessoalmente passava a depender a força armada, caberia ainda a faculdade de nomear os funcionários de todas as categorias para os quais não estivesse prevista qualquer forma especial de nomeação.

Os ministros e embaixadores das potências estrangeiras seriam acreditados junto do marechal. A este competia igualmente o encargo de assinar e ratificar quaisquer tratados com essas potências. Um ponto essencial, como havia de se verificar já mais tarde pelo desenrolar dos acontecimentos, era o que se referia à faculdade de declarar a guerra a uma potência estrangeira qualquer. Essa faculdade continuava a pertencer à

Assembleia Nacional e, no caso de se verificar a necessidade de a França, durante o período do armistício, entrar em guerra com qualquer potência, a Assembleia Nacional teria de ser convocada expressamente para esse efeito e pronunciar-se sobre um eventual pedido do governo sobre o assunto. Por mais inverosímil que



esta hipótese parecesse naquela altura, o decorrer do tempo havia de revelar que ela podia verificar-se, de um momento para outro.

A SUCESSÃO DO MARECHAL

O Acto Constitucional n.º 4 dizia respeito à sucessão do marechal e dizia o seguinte: «Se por qualquer motivo, antes de ser ratificada pela nação francesa a nova Constituição, eu ficar impedido de desempenhar as funções de Chefe de Estado, o sr. Pierre Laval, vice-presidente do Conselho, assumirá essas funções de pleno direito. No caso de o sr. Pierre Laval estar, por qualquer motivo, impedido, será, por seu turno, substituído por uma personalidade indicada por maioria de votos pelo conselho de ministros.»

Entre as primeiras medidas tomadas pelo governo da presidência do marechal figurava um decreto, promulgado em 18 de Julho, nos termos do qual só os indivíduos que fossem filhos de pais franceses poderiam, no futuro ser funcionários públicos em França. Todos os magistrados e funcionários civis e militares que, à data da promulgação do decreto, não satisfizessem essa condição seriam demitidos, reconhecendo-se a todos os direitos adquiridos.

Na mesma ordem de idéias um outro decreto publicado em 22 de Julho estipulava que deviam ser imediatamente revistos todos os processos de naturalização que tinham produzido os seus efeitos depois de 1927. A perda da nacionalidade francesa poderia ser decretada pelo ministro da justiça depois de ouvida uma comissão especialmente encarregada de tratar o assunto. Um terceiro decreto, promulgado em 24 de Julho, determinava que perderiam imediatamente a nacionalidade os franceses todos os indivíduos que houvessem abandonado o território da França sem uma razão justificada. Os indivíduos considerados nessas condições perderiam

igualmente os bens que possuíam, naquela data, em França.

Estas medidas visavam, de maneira especial, as individualidades que, tendo desempenhado funções de destaque na Terceira República, haviam advogado a ideia de transferir a sede do governo para o Norte de Africa afim de ali continuarem a resistência contra as potências do Eixo. Alguns dessas individualidades encontravam-se, no momento em que o decreto foi promulgado, refugiadas em território estrangeiro.

A POLÍTICA EXTERNA DA FRANÇA

Mas os problemas e as preocupações de política interior eram bem pouco, quando comparados com a extensão e a gravidade das questões postas pela política externa da França. O governo do marechal Pétain tinha de encarar imediatamente as consequências da derrota em relação a duas potências cuja atitude passaria a condicionar toda a evolução da vida da França no período largo de cerca de dois anos e meio em que vigoraram as cláusulas do armistício. Que ia fazer a França em relação à Alemanha vencedora? Que ia ela fazer em relação à Gran-Bretanha, sua aliada da véspera? Da resposta dada a essas duas perguntas dependeria, em grande parte, o êxito da tarefa de que se haviam incumbido o marechal e os seus principais colaboradores.

De uma forma geral pode dizer-se que os homens que em França assumiram as responsabilidades do poder, em Junho de 1940, tinham duas preocupações dominantes: colaborar com a Alemanha, sem entrar em conflito com a Gran-Bretanha. A necessidade de colaborar com a Alemanha, nas condições que se verificavam à data da assinatura do armistício, parecia ser a única possibilidade de aliviar a carga de desgraças e sofrimentos que haviam resultado para a nação francesa da derrota militar. Mas, por outro lado, embora os sen-

timentos anglofobos tivessem tomado entre a população, ou pelo menos entre uma parte importante dela, proporções que nada pouco tempo antes deixaria presver, era evidente que a França, mal saída de uma provação que ia sendo fatal para a sua própria existência como nação independente e soberana, aspirava sobretudo a regressar à paz para curar as feridas que a guerra lhe havia causado. A política externa do marechal, a política resumir-se em poucas palavras: cumprir as cláusulas do armistício. Mas era possível realizar êsse objectivo sem que a luta terminasse imediatamente, enveredando-se pelo caminho de realizar uma paz definitiva entre as nações da Europa? A continuação da guerra, com todas as suas contingências, foi o factor que perturbou desde o início, a realização dos planos arquitetados sobre a ideia de que o cumprimento das cláusulas do armistício podia constituir, só por si, uma regra de conduta.

A FRANÇA E O REICH

Entre 22 de Junho, data da assinatura do armistício, e 23 de Outubro de 1940, data do encontro de Montoire, a política francesa hesitou em enveredar abertamente pelo caminho da colaboração. Para a França, para o Reich, como decerto para o resto do mundo, a resistência da Gran-Bretanha, claramente anunciada pelo Primeiro ministro Winston Churchill e tenazmente realizada pela nação Inglesa constituiu pelo menos uma surpresa. Que sentido, que finalidade podia ter essa resistência? Era evidente que o Império britânico, desarmado e mal preparado para a luta sob todos os pontos de vista não podia aspirar a uma vitória sobre as potências do Eixo que nessa altura tinham o prestígio de uma série de vitórias ininterruptas e espectaculosas. Mas se a Gran-Bretanha sabia que isolada não podia vencer e que a sua resistência nessas condições seria necessariamente limitada no tempo, os dirigentes britânicos encaravam a possibilidade, de num futuro mais ou menos próximo, poder a Gran-Bretanha constituir o núcleo de uma coligação poderosa, sob o ponto de vista dos recursos e da preparação militar, susceptível de enfrentar o poder do bloco italo-alemão na Europa e no mundo. Enquanto, por um lado, as potências do Eixo tinham portanto todo o interesse em que a luta se localizasse no continente europeu, a Gran-Bretanha, ou melhor o Império britânico, potência de significação mundial, só lucraria em que ela se estendesse a outros continentes e outros mares, pois essa seria a condição da entrada em jogo de novos factores e a possibilidade de se organizar a coligação a que os seus dirigentes aspiravam.

Perante estas duas aspirações contraditórias, a posição da França era evidentemente difícil. A sua posição metropolitana levava-a a contemporar com a Alemanha e a procurar colaborar com ela; a existência de um Império colonial francês, espalhado por quatro continentes, encaminhava-a no sentido de auxiliar os ingleses na sua resistência apolida fundamentalmente num poderio naval que apesar de todos os dissabores sofridos, se mantinha ainda com um sentido de predominio que os próprios adversários da nação britânica não ignoravam nem podiam ter em menos conta.

A FRANÇA E A GRAN-BRETANHA

As relações da França com a Gran-Bretanha tornaram-se particularmente difíceis depois da assinatura do armistício. Um discurso do Primeiro ministro, sr. Winston Churchill, e a réplica que lhe foi dada pelo marechal Pétain, assinalam, de maneira característica, esta fase das relações entre as duas potências ocidentais que haviam sido aliadas durante a conflagração de 1914-1918 e tinham iniciado em comum o presente conflito alinhando contra o Reich quando este país invadiu a Polónia.

O discurso do sr. Churchill, depois de se referir às condições que se verificavam quando da assinatura do armistício, acentuava os seguintes pontos: «O governo de S. M. cre firmemente que, aconteça o que acontecer, poderá continuar a guerra a todos os pontos a que esta se estender. Por isso a continuará na terra, no mar e nos ares, até uma conclusão feliz.

Uma vez vitoriosa a Gran-Bretanha compromete-se, apesar do acto praticado pelo governo de Bordéus, a defender a causa do povo francês. A vitória da Grã-Bretanha constitui a única esperança possível de restauração da grandeza da França e da liberdade do seu povo. Os cidadãos corajosos dos outros países, que têm sido vítimas da invasão, prosseguirão, inabastavelmente, a sua luta ao nosso lado.

Por isso o governo de S. M. apela para todos os franceses, que não estão presentemente sujeitos à pressão do inimigo, pedindo-lhes que o auxiliem na sua tarefa e que contribuam para tornar o cumprimento dessa tarefa mais seguro e mais rápido. Apela mais para todos os franceses, onde quer que eles se encontrem, para auxiliarem, na medida das suas possibilidades, a tarefa de libertação e as forças que procuram levá-la a cabo as quais são enormes e que, com uma direcção resoluta, são capazes de assegurar a vitória final.

Em linguagem não deixava margem para dúvidas sobre as verdadeiras intenções da Gran-Bretanha e sobre a rotura completa que se opera entre o governo francês e o governo de Londres.

O PONTO DE VISTA FRANCÊS

A resposta do governo francês, ainda instalado em Bordéus, foi dado pelo marechal Pétain numa alocução de que constavam as seguintes passagens:

«O governo e o povo francês ouviram, com estupefacção, as declarações do sr. Churchill. Compreendemos a angústia que dita as suas palavras. O sr. Churchill teme que o seu país venha a ter a sorte que há um mês o nosso país conheceu. Mas não há circunstâncias que nos obriguem a suportar, sem protesto, as lições duni ministro estrangeiro. O sr. Churchill é juiz dos interesses do seu país; não é o juiz dos interesses dos outros países.

A nossa bandeira está sem mancha. O nosso exército bateu-se com bravura e com lealdade. Inferior em número e em armamentos teve que pedir uma cessação de hostilidades. Procedeu assim, afirmo-o, com independência e com dignidade. Nada conseguirá dividir os franceses no momento em que a sua pátria sofre.

A França não poupou nem o seu sangue nem os seus esforços. Tem a

Para Cálculos rápidos



facit

Só com 10 teclas. Controle de inscrição. Controle total das dezenas nos 2 registos. Cômida para pôr a zero. Mecanismo completamente fechado.

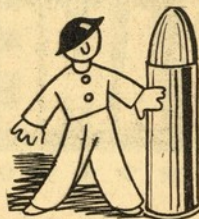
SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.ª
Rua da Praia, 145 R. Sá da Bandeira, 339 LISBOA PORTO

consciência de merecer o respeito do mundo. E é de si própria que espera a própria salvação. É preciso que o saiba o chefe do governo inglês. A nossa fé em nós próprios não diminuiu. Suportámos uma prova muito dura. Já experimentámos e dominámos outras. Sabemos que a pátria está intacta e que permanecerá intacta enquanto contar com o amor dos seus filhos. Nunca êsse amor foi mais fervoroso. A terra de França não é menos rica de promessas que de glórias.

Pensa o sr. Churchill que os franceses recusam à França inteira o amor e a fé que têm na mais pequena parcela das suas terras? Os franceses olham bem de frente o presente e o futuro. Quanto ao presente estão certos de mostrar maior grandeza de alma reconhecendo a sua derrota do que opondo-lhe projectos vãos e propósitos illusórios. Quanto ao futuro sabem que o destino da pátria está na sua coragem e na sua perseverança.

O tom dos dois discursos constituía uma indicação inequívoca de que as relações franco-britânicas iam entrar num período de dificuldades.

(Continua)





PORQUE USO

o novo pó de

Arroz Tokalon



Pela PRINCESA ALLATROUBETSKOY

- ★ É fabricado numa variedade tão bonita de cores modernas e que embelazam.
- ★ É o mais leve e o mais fino de todos que conheço.
- ★ Adoro o seu perfume delicioso de flores naturais.
- ★ Verifico que dura um dia inteiro. Mais nenhum pó de arroz tem este segredo da espuma de crêmes.
- ★ Conserva a pele fresca e encantadora, a pesar do vento e da chuva.
- ★ Tenho a certeza de que não compraria outro melhor, por qualquer preço.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 65

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									

HORIZONTAIS: 1 — Bloquear; Citma. 2 — Nome de homem; Pronome

personal. 3 — Injusta; Para. 4 — Tímulo. 5 — Favorável; Raiva. 6 — Casa arruinada. 7 — Nota musical (inv.); Art. f. (pl.). 8 — Semelhante; Peça que, com a pressão dos dedos faz soar o piano. 9 — Nesse lugar; Por corda.

VERTICAIS: 1 — Sexto; Pé. 2 — Inda; Fazer tremor. 3 — Média. 4 — Caminhava; Tal. 5 — Não fermentado; Esta coisa. 6 — Amole; Nota musical (inv.). 7 — Esquivo. 8 — Espôr; Nota musical. 9 — Ramificação; Rezar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 64

HORIZONTAIS: 1 — Troar; Torto. 2 — Agoravia. 3 — Arruam. 4 — Oásis. 5 — Rocio. 6 — Palanca. 7 — Camareira. 8 — Varas; Soara.

VERTICAIS: 1 — Rd; Cá. 2 — Old; Par. 3 — Agro; Rama. 4 — Rara; Olas. 5 — Rusticar. 6 — Taci; Inês. 7 — Ovas; Octo. 8 — Rim; Ara. 9 — Ta;

Grande acontecimento literário

AINDA HÁ ESTRELAS NO CÉU

Novelas de Luiz Forjaz Trigueiros

Um livro repassado de sinceridade humana e que responde á inquietação das almas

13\$00

Edição da PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

Cartas bonitas, são "representativas" ...
e cartas bonitas... são cartas
HALDA

O toque leve, os tipos bem contornados e o cuidado especial com que é fabricada uma das máquinas, contribuem para a beleza da escrita da «HALDA». Observe uma carta escrita com a «HALDA», e compreenderá a boa impressão que ela causa.



SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.^{DA}
RUA DA PRATA, 145 LISBOA R. SÁ DA BANDEIRA, 339 PÔRTO
Telef. 2 5281 2 2102 Telef. 1 248



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

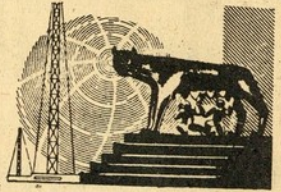
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

ESCUTAI

ROMA



**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas médias
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	15330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	Às domingos	39.80
21.20	Às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS
7.15	WEBX	31.1 m. 9.650 kc/s.
9.45	WRUW	49.6 m. 6.040 kc/s.
11.45	WBOS	48.8 m. 6.140 kc/s.
13.45	WBOS	25.3 m. 11.870 kc/s.
17.45	WBOS	19.7 m. 19.210 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m. 11.847 kc/s.
19.45	WGEA	25.3 m. 11.847 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m. 9.530 kc/s.
22.45	WGEO	31.5 m. 9.530 kc/s.
1.15	WDJ	39.7 m. 7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



Vida MUNDIAL Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJA.	ESTRANGEIRO (com convenção)
CENTES	
3 meses (13 números).....	6 meses (26 números).....
6 " (26 ").....	12 " (52 ").....
12 " (52 ").....	
ESTRANGEIRO (sem convenção)	
ÁFRICA PORTUGUESA	
6 meses (26 números).....	47\$00
12 meses (52 números).....	68\$00
	12 " (52 ").....
	94\$00

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UMA TARDE DE TOIROS!

A APRESENTAÇÃO de ALBAICIN

CRÓNICA DE JAIME DUARTE D'ALMEIDA

O «cartel» do último domingo no Campo Pequeno tinha como principal atractivo a apresentação em Portugal do novilheiro Rafael Garcia «Albaicin», cuja fama de toureiro extraordinário soara com certo estrondo. Havia curiosidade em ver o «fenómeno», curiosidade que fôra espevitada pelas palavras elogiosas do grande pintor Zuloaga, na entrevista recentemente concedida ao «Diário de Lisboa».

Fêz bem, pois, a empresa, trazendo-o até nós numa combinação cuidada que reuniu os cavaleiros que mais palmas tinham escutado nas duas anteriores corridas, e dando ao cigano a parceria de Boni, capaz de competir com a nova «maravilha».

Foi lograda a expectativa do público que ocupou três quartas partes dos lugares? Cremos que a maioria assim o julgou. No entanto, apesar de lhe terem saído dois novilhos nobres, que investiam e se dobravam excelentemente, sobretudo o primeiro, e não os ter sabido aproveitar como convinha — muito embora a falta de domínio do touro fosse manifesta, principalmente no oitavo, ficámos sacreditando em «Albaicin». Tem qualquer coisa de estranho, de extra-toureiro, aquilo que se não pode ver com os mesmos olhos com que se aprecia a maioria dos toureiros e que só não deixa de anotar quem estiver com extrema atenção.

Somos dos que pensam que para se ser toureiro não é condição essencial ser-se artista de temperamento. O toureiro por si só é tão rico de côr, de atitudes, de ritmo, que dele se exala a mais pura arte num conjunto de beleza e harmo-

nia de que o toureiro faz parte, como o touro, a capa ou as bandarilhas. São tudo atributos de um quadro que se não admite com a falta de qualquer deles. Porém, quando um toureiro possui uma sensibilidade requintada; quando a sua alma é de artista, então o toureiro eleva-se a um nível tal que, fugindo das características vulgares, se mostra sob um aspecto pessoal e único. Esta classe de toureiros — raríssima — só se faz aplaudir e compreender quando consegue ligar passes seguidos, e assim «acostumar» o público à novidade do seu toureiro. Caso contrário, passam despercebidos os detalhes isolados, ainda que coloridos da mais rara inspiração artística. Foi o que aconteceu com o que «Albaicin» deixou no domingo no redondel do Campo Pequeno: uma verônica preciosa, uma meia de maravilha e uns «muletazos» no oitavo, daqueles que não estão nem podem estar nos tratados, mas donde transpira e se eleva o mais belo perfume de uma personalidade e temperamento admiráveis.

«Albaicin» é novo, não está ainda «feito», mas tem dentro de si tanto de excepcional, tem uma maneira tão particular e curiosa que não duvidamos de que venha a ser figura grande quando alie às qualidades naturais uma profundidade de conhecimentos técnicos que lhe permita maior à-vontade em frente dos touros e, conseqüentemente, a certeza de se sair airoosamente dos seus intentos na arena. Então, será um toureiro de absoluto agrado, porque quando a disposição ou as qualidades do touro lhe não permitirem que seja ele próprio, será como todos os outros. Esperemos, pois, com optimismo, o futuro deste toureiro.

«Boni», já mais conhecedor, teve menor dificuldade em cair no agrado público. É valente, tem boa figura, bom estilo com o capote, e conseguiu

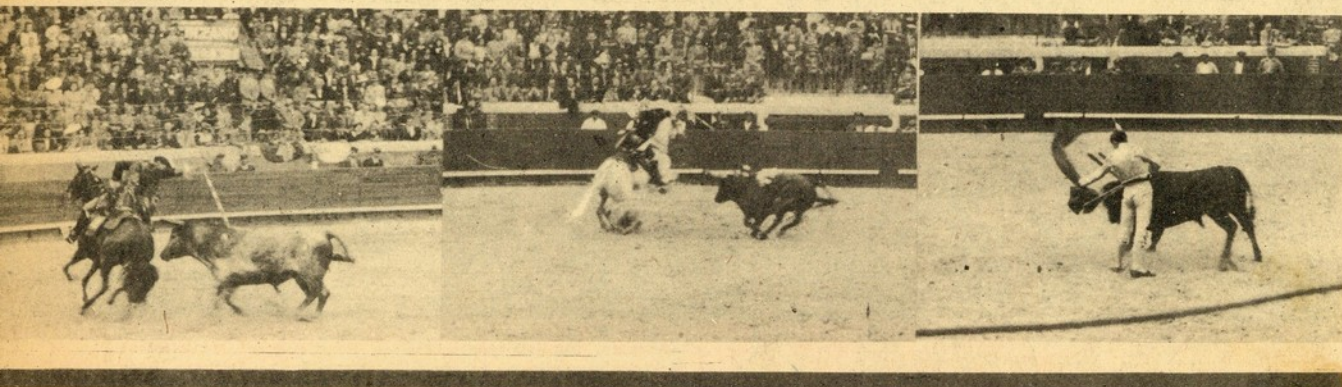
uma «faena» de muleta que se aplaudiu, com calor. Ligou cinco «naturais» com a esquerda, dois deles quasi perfeitos, e rematou a série com um passe de peito de boa marca. Seguiu por «molinetes» adornando-se por fim e arrancando aquelas palmas que parecia quererem regatear-lhe.

João Núncio, porém, foi o grande triunfador da corrida. Bem no seu primeiro touro, no quinto — o melhor da tarde — conseguiu entusiasmar, sobretudo em cinco curtos de mestre, dos quais destacaremos o terceiro, que foi magistral. Desenvolveu um toureiro alegre, movimentado e artístico que lhe valeu a maior ovação tributada, com volta e saída aos médios.

José Casimiro, menos feliz, fêz-se no entanto aplaudir em vários ferros excelentes, sobretudo no sexto touro, em que após o cavalo se ter chapado, lançando o cavaleiro na queda, se mostrou digno do nome que usa, fornecendo um raro exemplo de pundonor e alma toureira que bem mereceu a ovação unânime e espontânea com que o público o distinguiu.

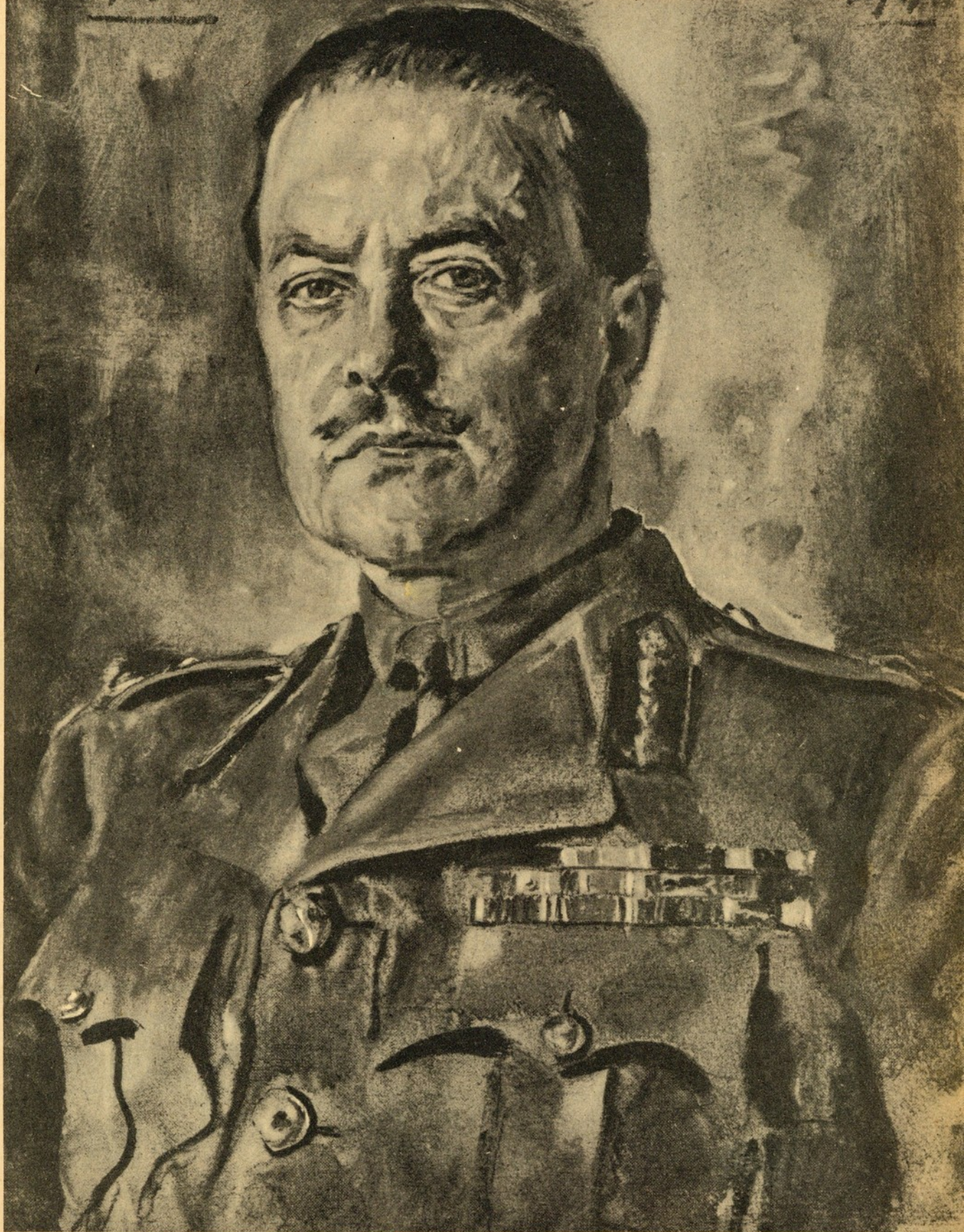
Anotámos ainda: dois bons pares de bandarilhas de Barral, da quadrilha dos «espadas», a «faena» de muleta de Procópio, no sexto, com boa vontade e passes perfeitos, principalmente os de peito, a «brega» acertada deste bom toureiro e de Gonçalves, um par fácil de António Correia e duas boas pegas de Garrett e Penetra.

Por último, e talvez porque os últimos são os primeiros, uma referência à «ganaderia» de Samora Correia, que enviou uma corrida que se viu com absoluto agrado pelo tipo e pela qualidade. Não compreendemos porque, num conjunto de tal ordem, se não fêz uma chamada ao lavrador, por exemplo, após a lide do 5.º touro. Teria sido a mais justa ovação de toda a tarde.



R. G. Eves

1940



O general inglês Harold Alexander, que sob o comando supremo do general americano Eisenhower, concebeu e realizou o plano da ofensiva que levou os exércitos aliados à decisão vitoriosa da campanha do Norte de África.

(Retrato do pintor inglês R. G. Eves)